



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS | CCSA
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

LUCAS JOAQUIM DE MOURA

**Serviço Social e a Igreja Católica: uma análise da influência do catolicismo na
emergência da Escola de Serviço Social em Pernambuco.**

RECIFE

2025

LUCAS JOAQUIM DE MOURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Orientador(a): Maria Alexandra Monteiro Mustafá

Recife
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Moura, Lucas Joaquim de .

Serviço Social e a Igreja Católica: uma análise da influência do catolicismo na emergência da Escola de Serviço Social em Pernambuco. / Lucas Joaquim de Moura. - Recife, 2025.

93 p. : il., tab.

Orientador(a): Maria Alexandra da Silva Monteiro Mustafá

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Serviço Social - Bacharelado, 2025.

Inclui referências, apêndices.

1. Catolicismo. 2. Filosofia. 3. Neotomismo. 4. Serviço Social em Pernambuco. 5. Questão Social. I. Mustafá, Maria Alexandra da Silva Monteiro. (Orientação). II. Título.

360 CDD (22.ed.)

LUCAS JOAQUIM DE MOURA

**Serviço Social e a Igreja Católica: Uma análise da influência do catolicismo na
Escola de Serviço Social em Pernambuco**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Serviço Social, da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Aprovado em: 15/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. **Maria Alexandra da Silva Monteiro Mustafá** (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco-UFPE

Prof. Dr. **Giovanny Simon Machado** (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco-UFPE

RECIFE
2025

O silêncio sempre foi o meu grito mais alto.

Lovelace, 2017.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto não só da resistência, mas da persistência. Não é mérito de um autor, mas de vários que estão por trás dele (familiares, amigos e professores). Este trabalho significa que as palavras nocivas dos outros não se realizaram. Este trabalho, portanto, é o que pude fazer de melhor mesmo com pouco em minhas mãos. Então, me dirijo a você como um jovem que não parou de sonhar em nenhum momento e mesmo com o peso em minhas costas, eu dancei na chuva e sorri no escuro.

Dito isto, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas fundamentais nesse processo, em especial os/as professores(as): Adilson Aquino Silveira Junior, Marco Mondaini, Antonio Israel Carlos da Silva, Giovanny Simon Machado, Rosa Maria Cortes de Lima, Juliane Peruzzo, Delaine Bezerra, Soraia de Carvalho, Evelyne Medeiros Pereira, Vivian Matias e a Maria Alexandra Monteiro Mustafá. Esta última, por sua vez, é o meu profundo agradecimento por ter sido a minha orientadora, não só neste Trabalho de Conclusão de Curso, mas nos diálogos e reflexões filosóficas que levo para a vida, dentro e fora da sala de aula, me impulsionando ao pensamento crítico e a uma vida não estagnada, tampouco superficial e fútil.

Além disso, não só a esses professores que dedico a minha profunda gratidão, mas ao historiador Jefferson Gonçalo e ao professor de linguística Edson Silva. Os dois me auxiliaram no preparatório (Vestibular Solidário e PREVUPE) para a realização do Enem e me acompanharam do ingresso ao fim da graduação, contribuíram significativamente para a discussão deste trabalho por meio de sugestões de leituras e correções gramaticais, que qualificam tanto o conteúdo quanto a escrita a nível plausível para a área acadêmica.

Os/as amigos(as) que tive o prazer de conhecer e o orgulho de compartilhar a rotina no ensino superior, agradeço pelas trocas e aprendizados que não se restringem apenas aos estudos universitários, mas ao fomento pessoal e espiritual. Assim, sinalizo para algumas pessoas: Antônio Vinício, Alexia Darlla, Vitoria Carlyne, Ana Luiza, Aline Marques, Maria Fernanda dos Santos, Thamires Sales, Mirtes do Monte e a Ester Lydia Hellen. Abro um parênteses para as duas últimas pessoas citadas, visto que são sinônimos de força, admiração, resistência e persistência.

Mirtes, você é uma das pessoas que mais me motivaram tanto na permanência deste curso quanto em nunca duvidar da minha capacidade de iniciar e terminar outros. Eu atribuo a você o cargo de ser a minha madrinha nos estudos universitários sem antes te consultar. No dia 30/01/2023, recebi das suas mãos um presente único, valioso e não leiloado em lugar nenhum, ele está comigo todos os dias e continuo sem palavras igual ao dia que recebi.

Ester, você também é a minha motivação diária, a melhor ouvinte que a UFPE poderia me apresentar. Em uma abordagem puramente química, me arrisco em dizer que você amplia os níveis de serotonina, dopamina, endorfina e ocitocina. Essas substâncias juntas formam a sensação exibida na felicidade que proporcionam o bem-estar e produzem o que conhecemos como as sensações mais puras: o amor. Em níveis não medidos e inexplicáveis pela ciência, eu ousou em dizer que você é a resposta e o complemento dos sonhos que tenho.

Aos amigos fora do convívio da graduação, mas que me acompanharam da infância à fase adulta, saibam que vocês também estão inseridos nessa produção acadêmica, em especial: Alex Antonio, Giliarde Ferreira, Danillo Gabriel e Cassio Silva.

Respectivamente, aos meus pais e irmãos: Luiz Joaquim de Moura, Edilene Izaura de Moura, Leylyane Elyne de Moura, Luiz Joaquim de Moura Filho e Leonardo Joaquim de Moura, sou grato por todo apoio dado e às construções que gradualmente edificamos. Aos meus pais, vocês são tudo o que eu possuo de mais valioso, uma riqueza imensurável que não tem começo, tampouco fim. Aos meus primos Wesley de Luna Bezerra e Williany Ester de Luna Bezerra, espero ser a inspiração futura de vocês tal como vocês são as minhas, por isso, na jornada que cada um percorrer, eu estarei apoiando e contribuindo para mais um sonho ser realizado também.

Não posso deixar de agradecer aos detalhes principais que me fizeram chegar aonde eu cheguei: agradeço aos meus sonhos que nunca me abandonaram, mesmo querendo parar de sonhar; as piores companhias que em algum momento eu tive, porque restaram apenas as melhores e insubstituíveis comigo; aos momentos mais difíceis, pois pude fazer o melhor mesmo com pouco; às pessoas que seguraram a minha mão nas horas de forte tempestades, pois nos dias ensolarados pude ter certeza de quem ficaria comigo.

Por fim, de todos esses agradecimentos e outros que talvez eu tenha esquecido, um eu coloco como privilegiado: o silêncio. Consegui tirar palavras de algumas pessoas, muitas vezes dolorosas, negativas, humilhantes e desmotivantes, sem dizer nada. Durante muito tempo esse exercício é posto em prática, ouvir insinuações em vários momentos da minha vida, principalmente entre o ensino médio e superior, de familiares e colegas. O silêncio foi (e é) a chave do incômodo e a porta necessária para cada um(a) dizer o que realmente são. Aprendi a ouvir calado, a falar com atos e sonhar fazendo. A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso é o resumo das lutas travadas e vitórias alcançadas de uma árdua caminhada marcada pela insistência, persistência, tropeços e reinícios. Algumas batalhas eu perdi, mas em nenhuma parei de tentar e chego aqui com os mesmos passos que um dia comecei.

RESUMO

Este trabalho tem como tema o Serviço Social e a Igreja Católica: uma análise da influência do catolicismo na emergência da Escola de Serviço Social em Pernambuco. O principal objetivo da pesquisa foi compreender a influência do catolicismo, partindo de uma breve análise histórica até o surgimento das primeiras Escolas de Serviço Social no mundo e na América Latina, onde referencia-se a Escola de Serviço Social em Pernambuco. A metodologia desta pesquisa foi de cunho tanto bibliográfico com os estudos de Yamamoto e Carvalho; Castro e Montañó quanto documental com as análises dos documentos episcopais e recortes de jornais referente a Escola de Serviço Social em Pernambuco. Conclui-se que a religião, em especial o catolicismo, desempenharam um papel importante sendo essencial tanto na construção quanto na institucionalização do Serviço Social. Por isso, este estudo contribui para a compreensão dos fundamentos profissionais, vinculados, inicialmente, à prática religiosa.

Palavras-chave: Catolicismo, Filosofia, Neotomismo, Serviço Social em Pernambuco, Questão Social.

ABSTRACT

This paper has as its theme Social Service and the Catholic Church: an analysis of the influence of Catholicism on the emergence of the School of Service in Pernambuco. The main objective of the research was to understand the influence of Catholicism, starting from a brief historical analysis until the emergence of the first Schools of Social Service in the world and in Latin America, where the School of Social Service in Pernambuco is referenced. The methodology of this research was both bibliographical with the studies of Yamamoto and Carvalho; Castro and Montaña and documentary with the analysis of episcopal documents and newspaper clippings related to the School of Social Service in Pernambuco. It is concluded that religion, especially Catholicism, played an important role and was essential both in the construction and institutionalization of Social Service. Therefore, this study contributes to the understanding of the professional foundations, initially linked to religious practice.

Keywords: Catholicism, Philosophy, Neo-Thomism, Social Work in Pernambuco, Social Question.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronologia do Surgimento da Escola de Serviço Social

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

JAC- Juventude Agrária Católica

JEC- Juventude Estudantil Católica

JIC- Juventude Independente Católica

JOC– Juventude Operária Católica

JUC- Juventude Universitária Católica

LEC- Liga Eleitoral Católica

ESS/PE- Escola de Serviço Social em Pernambuco

COS- Sociedade de Organização de Caridade

LISTA DE ILUSTRAÇÕES NOTICIADAS

Imagem 1 – Terceira Semana de Ação Social

Imagem 2 – Liga de Higiene Mental

Imagem 3 – Assistência Familiar aos Menores Abandonados

Imagem 4 – Fotografia da Escola de Serviço Social em Pernambuco

Imagem 5 – Reunião da Semana de Ação Católica no Rio de Janeiro para as Igrejas no Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 IGREJA CATÓLICA E SERVIÇO SOCIAL	19
1.1 Igreja Católica e o assistencialismo	21
1.2 Neotomismo e a questão social	31
2 O SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS ESCOLAS DE SERVIÇO NO MUNDO E NO BRASIL	48
2.1 Sociedade de Organização da Caridade	49
2.2 Surgimento das primeiras Escolas e profissionalização do Serviço Social no mundo	55
2.3 Ação Social e Ação Católica: surgimento das primeiras escolas de Serviço Social no Brasil.	62
3. A ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL EM PERNAMBUCO	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX, principalmente, na segunda metade dele, constata-se a emergência do modo de produção capitalista e, com ele, a questão social, o pauperismo que vai exigir respostas institucionais e sociais, na Europa e nos Estados Unidos, respostas estas que serão dadas através do surgimento do Serviço Social. Lima (2005) relata que as marcas deixadas por esse período temporal como contribuição no surgimento da profissão em outros países, desenvolve-se no decorrer do século XX e trouxe consigo mudanças em vários aspectos: sociais, culturais e econômicos, decorrente do Período Entreguerras (1918-1939). As relações sociais foram abaladas com a organização da classe trabalhadora, o controle social por meio da intervenção do Estado foi adquirido e a presença da igreja e da sua prática social cristã, alicerçada na doutrina social, passou não só a conter, mas também a tentar sanar as medidas individualistas do liberalismo e da consciência de classe, à medida que os trabalhadores sentiram o anseio de instaurar o socialismo como respostas às condições precárias.

As primeiras Escolas de Serviço Social na América Latina iniciaram-se no ano de 1925, no Chile, visto que sinalizam por meio de respostas já encontradas na Sociedade de Organização de Caridade, a figura do médico René Sand para realizá-las. Ele apresentou uma nova forma de fazer profissional que inspirou outros países do mesmo continente. Vinculado, por um lado, às preocupações pessoais e do Estado, por outro lado, próximo às medidas assistencialistas de cunho religioso a fim de mudar a sociedade chilena (Castro, 2000).

Assim, é o caso do Serviço Social nos principais estados brasileiros. Para Iamamoto e Carvalho (2014) às respectivas instituições situadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, fundamentaram-se sob o viés religioso a partir das cartas papais que fortaleceram as organizações católicas e, conseqüentemente, os grupos inseridos nas Semanas de Ações Católicas e a sugestão da institucionalização de uma profissão para representar a caridade e atribuir meios de recristianizar a sociedade.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, essas demandas foram concretizadas com os cursos intensivos e palestras das assistentes sociais estadunidense. Em Pernambuco, o contato não foi direto de uma instituição ou outra, mas das duas. Rodolfo Aureliano, recebeu de Luiz Delgado uma revista sobre o Serviço Social no

Congo Belga. Assim, a partir da III Semana de Ação Social, em 1939, a institucionalização do Serviço Social em Pernambuco foi realizada sob essa influência franco-belga. (Moraes et al,1990; Silva, 2019).

As questões abordadas neste Trabalho de Conclusão de Curso surgem a partir de indagações sobre a origem da Escola de Serviço Social em Pernambuco (ESS/PE) com os seus desdobramentos e influência na sociedade. O Serviço Social no Nordeste não apenas se originou em um contexto de carência em relação às questões já mencionadas, mas também foi influenciado pela doutrina social católica tanto no âmbito da formação quanto na prática profissional.

Neste sentido, surgiram outros questionamentos acerca da influência que a primeira Escola de Serviço Social no Nordeste possa ter recebido, especialmente em relação à presença religiosa e filosófica, com destaque para a vertente (neo)tomista. O interesse por esse tema foi despertado, por um lado, por meio de iniciativas como o seminário na disciplina de Serviço Social II, ministrada pelo professor Dr. Adilson Aquino Silveira Júnior, na Universidade Federal de Pernambuco, que apresentou os TCCs da ESS/PE. Além disso, a participação no projeto de extensão Memória e História do Serviço Social em Pernambuco, sob a orientação do mesmo professor, ofereceu uma nova visão ao estabelecer contato com o contexto histórico, incluindo recortes de jornais e produções das primeiras assistentes sociais da ESS/PE.

As questões filosóficas e o impacto do catolicismo no Serviço Social, tratados neste trabalho, foram explorados de maneira mais profunda a partir das discussões promovidas na disciplina de Ética, oferecida no 5º período da graduação e ensinada pela Drª. Maria Alexandra Mustafá. Ademais, o estudo foi enriquecido pela participação no Grupo de Estudo sobre Ética¹ sob a orientação da mesma professora, onde realizou a produção de um artigo científico sobre a influência religiosa em outros setores da sociedade. Durante a graduação, houve poucas discussões sobre Serviço Social no Nordeste, especialmente no Recife, mostrando-se a necessidade de ter mais estudos sobre a temática.

¹ O projeto de extensão é coordenado pela Dra. Maria Alexandra Mustafá e tem como foco a importância da ética na formação e atuação profissional. Ele explora o Projeto Ético-Político do Serviço Social e sua conexão com iniciativas da sociedade, abordando temas como direitos humanos e os princípios éticos que influenciam e desafiam as políticas públicas no Brasil. Em especial, a discussão abrange a história do serviço social mundial, o crescimento da direita internacional e seus rebatimentos no agravamento da questão social e no serviço social.

Sendo assim, este estudo propõe-se a compreender a influência do catolicismo, partindo de uma breve análise do surgimento das primeiras Escolas de Serviço Social no mundo e na América Latina, especialmente, no Brasil, onde referencia-se a Escola de Serviço Social em Pernambuco, tomando como referência uma análise histórica da presença da religião. Indaga-se: Como o catolicismo influenciou o surgimento do Serviço Social no mundo e na América Latina? Quais foram os seus reflexos na ESS/PE?

Para tanto, será exposto como a influência católica facilitou a aproximação da prática solidária das assistentes sociais no surgimento das Escolas de Serviço Social, em especial, a pernambucana. Este estudo trata-se de uma discussão histórico-crítica vinculado às literaturas do curso de Serviço Social como: Marilda Iamamoto e Raul de Carvalho (2014) “Relações Sociais e Serviço Social no Brasil; Manuel Manrique de Castro (2000) “História do Serviço Social na América Latina” e Carlos Montaña (2007) “A Natureza do Serviço Social” entre outras, onde situa-se a natureza do Serviço Social e a gênese da profissão.

Primeiramente, para abordar a questão metodológica, entende-se por tal o que Minayo (2009) compreende ser o caminho intelectual seguido e a intervenção prática na realidade. A autora faz essa reflexão com intuito de ir além das técnicas, visto que se tornam vazias sem embasamento e concepções teóricas, distanciando de uma abordagem crítica, assim, privilegia-se o pensamento empirista ilusório. Por isso, precisa-se que:

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrinsecamente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. (Minayo, 2009, p.15).

Neste trabalho, segue-se o que Netto (2011) orienta ser estabelecido como uma conexão com a realidade a partir da percepção subjetiva e suas manifestações, extraindo assim a essência, ou seja, sua estrutura e dinâmica. Nesse sentido, para se aproximar do real por meio de suas estruturas dinâmicas, usa-se o método da teoria crítica da tradição marxista como a mais viável de compreender e explicar o real. Minayo (2011) ainda destaca que o marxismo, como método, utiliza uma abordagem dialética para analisar os contextos históricos e os impactos das relações de produção e dominação, visando compreender a dinâmica das representações sociais.

A pesquisa documental complementa a lógica metodológica, uma vez que é entendida, segundo Gil (2008), de maneira ampliada, incluindo não apenas documentos impressos, mas também jornais, gravações e fotografias. Além disso, para ter contato com os registros disponíveis de estudos anteriores, Severino (2014), aponta que a pesquisa bibliográfica é a indicada, pois inclui documentos como livros, artigos e teses que enriquecem a contribuição da pesquisa.

Somente com esse procedimento e a aplicação da teoria crítica, para entender que há uma carência de estudos sobre o tema, uma vez que predomina uma percepção histórica de limitação em relação à região nordestina, perpetuada desde o século passado, quando comparada com a produção do Sudeste, em particular o eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Martin (2013) aponta que um primeiro estudo, datado nas décadas de 1940 e 1950, revela que o interesse por pesquisa científica no Nordeste também era bastante inferior se comparado a outras regiões. Em relação às primeiras Escolas de Serviço Social, Júnior (2021), faz outra observação em relação ao descompasso historiográfico das Escolas de Serviço Social.

Daí também um nível de descompasso, verificado na historiografia do Serviço Social, entre a criação das primeiras escolas, no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, na segunda metade dos anos 1930, e a inauguração e funcionamento do curso no Nordeste, em geral após meados dos anos 1940 (Junior, 2021, p. 16).

Em outras palavras, isso reflete no interesse dos estudos historiográficos na Escola de Serviço Social em Pernambuco. Junior (2020) corrobora que a diferença regional do Nordeste comparado com o Sudeste, por exemplo, marca não só a desigualdade, mas a particularidade do fomento do capital.

Diante do exposto, é essencial destacar que essa situação se reflete também na produção acadêmica, pois no Repositório da UFPE, não é encontrado Trabalhos de Conclusão de Curso relacionados à ESS/PE, visto que o material disponível se restringe, principalmente, à dissertação de mestrado de Maria Angélica Pedrosa de Lima Silva (2019), intitulada de "A Centralidade da Família na Formação em Serviço Social na década de 1940 em Pernambuco", e às teses de doutorado de Maria Helena Padilha (2008), cujo título é "História da Escola de Serviço Social de Pernambuco: Uma Análise do Projeto Ideopolítico em Articulação com a Realidade Pernambucana e Brasileira entre as décadas de 30 e 70 do século XX", além da pesquisa de Ana Cristina Vieira (1996) sobre "O Ensino

de Serviço Social no Nordeste: entre a igreja e o Estado".

Por conseguinte, a pesquisa abrange não apenas os materiais gerados pelo projeto de extensão Memória e História de Serviço Social em Pernambuco, mas também inclui artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado do curso de Serviço Social, principalmente da UFPE. Nesse contexto, são utilizados como referências para discutir a ESS os trabalhos de Junior (2019), Monteiro (1992), Silva (2019) e Vieira (1992).

Essas observações destacam a importância de expandir as pesquisas realizadas pelo projeto de extensão sobre Memória e História do Serviço Social em Pernambuco, visto que, mesmo na literatura relacionada ao Serviço Social, incluindo obras como "Relações Sociais e Serviço Social no Brasil" de Yamamoto e Raul de Carvalho (2014), "Serviço Social no Brasil" de Maria Liduína (2016) e "Filosofia do Serviço Social: das Origens a Araxá" de Antônio Geraldo Aguiar (2011), por exemplo, ainda evidenciam a predominância das duas primeiras Escolas de Serviço Social no Brasil, sem abordar a realidade do Nordeste ou estudos sobre a terceira Escola de Serviço no Brasil.

No decorrer deste trabalho, as divisões organizativas estão entre capítulos e subtópicos, ou seja, no primeiro capítulo aborda a Igreja e o Serviço Social, onde aponta a relação assistencialista como oriunda da natureza² da profissão e a intervenção da igreja na sociedade. Segue-se, após essa exposição, os seguintes subtópicos que correspondem respectivamente ao tópico Igreja e o Serviço Social: 1.1. Igreja Católica e Assistencialismo e 1.2. Neotomismo e a Questão Social.

Ademais, a continuidade desse diálogo entra com o segundo capítulo que aprofunda os estudos tanto sobre o surgimento do Serviço Social no mundo e na América Latina (em especial no Brasil) quanto às diferenças inseridas nela, sob a ótica do catolicismo. Corresponde a essa estrutura: 2.1. Sociedade de Organização da Caridade, 2.2. Surgimento das primeiras Escolas de Serviço Social e profissionalização do Serviço Social no mundo, 2.3. Ação Social e Ação Católica: surgimento das primeiras Escolas de Serviço Social no Brasil. É importante dizer que as informações extraídas para a construção desse tópico são as obras de Maria Carmelita Yazbek, Marilda Villela de Yamamoto (2019) em

² Ver a discussão feita por Montaño (2007) no capítulo 1.

"Serviço Social na História: América Latina, África e Europa", assim como a de Pedro Simões (2005) intitulada "Assistentes Sociais e Religião: um estudo Brasil / Inglaterra" e Manuel Manrique de Castro (2000) "História do Serviço Social na América Latina" com o objetivo de destacar brevemente o surgimento das Escolas de Serviço Social, mas não se restringe apenas a elas³.

De todo modo, não será possível discutir todas as escolas, pois a complexidade e o tempo de pesquisa não são adequados para este trabalho. As leituras utilizadas são em concordância com o surgimento do Serviço Social na América Latina (Chile, Argentina e Uruguai). Para iniciar a discussão e introduzir o que será desenvolvido pelos demais subtópicos, aponta-se a Sociedade de Organização da Caridade como responsável pelo desenvolvimento da profissão no mundo.

Por fim, o terceiro capítulo pauta o objetivo central do trabalho e sinaliza para os desdobramentos como a influência para emergência da Escola de Serviço Social em Pernambuco.

³ A tese de doutorado de Rita Lourdes de Lima, intitulada "Os Assistentes Sociais e a Questão da Subalternidade Profissional: reflexões sobre as representações sociais do 'ser mulher' e do Serviço Social", orientada por Prof^a. Dr^a. Maria de Fatima de Souza Santos no ano de 2004. Também se destaca a obra "Fundamento do Serviço Social na América Latina e no Caribe: Os diferentes caminhos do Brasil, do Chile e de Cuba", de Mariléia Goin, sob a orientação da Prof^a Dr^a Jane Cruz Prates, publicada em 2016. Andreia Antonia Oliva, orientada pela Prof^a Dr^a Dilsea Adeodata Bonetti, apresentou em 2005 a pesquisa sobre "Trabalho Social na Argentina: Traços Históricos".

1 IGREJA CATÓLICA E SERVIÇO SOCIAL

Para compreender o fundamento do Serviço Social no Brasil, especialmente em Pernambuco, é importante traçar um histórico que revela os fatores que precedem o seu surgimento. Pode-se dizer que, antes do Serviço Social como profissão oriunda da divisão sociotécnica do trabalho, ainda hoje existem elementos que se confundem com a sua atuação. Isso se dá a partir de atividades assistencialistas ao longo da história e as medidas interventivas da igreja na sociedade.

Introdutoriamente, para entender o estudo da profissão, precisa-se ter uma abordagem crítica e histórica do Serviço Social, caso contrário, resultará numa visão que condiz com a superficialidade a-histórica. Netto (2011) pontua ser indispensável tal estudo crítico, visto que mapeia a contextualidade histórico-social do Serviço Social, em especial, como prática institucionalizada. Assim, o autor alerta que, sem entender as origens e as peculiaridades do curso, pode esmaecer o papel profissional.

Montaño (2007) reforça que há duas discussões pertinentes que pautam os(as) assistentes sociais, pelo menos no que diz respeito a sua origem: a natureza e a gênese da profissão. O autor ainda sinaliza para um variado grupo de autores que interagem, respectivamente, com as discussões da natureza profissional, isto é, vinculadas ao pensamento religioso na história, mas há também teóricos que enaltecem a emergência do Serviço Social pós-industrial.

Montaño (*ibid.*) discute acerca disso na obra *A Natureza do Serviço Social: Um ensaio sobre sua gênese, a “especificidade” e sua reprodução*, e menciona os autores que defendem a primeira ideia.

Aparecem como autores desta tese: Herman Kruse, Ezequiel Ander-Egg, Natálio Kisnerman, Boris Alexis Lima, Ana Augusta de Almeida, Balbina Ottoni Vieira, José Lucena Dantas, entre outros. É uma tese que tem, portanto, plena repercussão na atualidade, aparecendo como a única, a oficial ou a natural interpretação sobre a gênese do Serviço Social na maioria das instituições de ensino e dos profissionais. (Montaño, 2007, p. 20).

Em contraste com esses autores, o autor ressalta que a formação profissional, em geral, ocorre após a Revolução Industrial na Inglaterra. A

institucionalização e a prática sistemática do ensino acadêmico, além da interação com a questão social⁴, que atingem o seu ponto culminante no capitalismo monopolista, são discutidas com uma segunda categoria nas contribuições de outros pesquisadores.

Essas abordagens consideram a perspectiva endogenista da profissão, a qual a define a partir de si mesma, no que diz respeito à sua origem institucional, e promovem uma postura crítica em relação à história. Portanto,

Nesta perspectiva, sustentada diferentemente por Marilda Villela Yamamoto, Raul de Carvalho, Manuel Manrique Castro, Vicente de Paula Faleiros, Maria Lúcia Martinelli, José Paulo Netto, entre outros, entende-se o assistente social como um profissional que desempenha um papel claramente político, tendo uma função que não se explica por si mesma, mas pela posição que o profissional ocupa na divisão sociotécnica do trabalho. (*ibid.*, p. 30).

Não será objetivo deste trabalho discutir o posicionamento dos autores sobre tais envolvimento da divergência entre a natureza e a gênese, mas discutir a influência que o pensamento da Igreja Católica, especialmente do neotomismo, exerceu sobre a teoria e a prática do Serviço Social e da sua tradição assistencialista, atribuída, inicialmente, às iniciativas cristãs (no mundo e, conseqüentemente, no Brasil), relacionou-se à prática institucionalizada do Serviço Social no pós-revolução industrial.

Simões (2005) aponta que o Serviço Social na Europa e na América Latina tem as suas raízes na visão cristã, embora não esteja completamente associado ao catolicismo. De acordo com o autor, a primeira ação profissional surgiu na Universidade de Amsterdã, na Holanda, com uma aproximação à perspectiva do protestantismo cristão, diferente do surgimento das outras Escolas de Serviço Social.

De acordo com Boris (2006) e Castro (2000), a América Latina, desde a ocupação portuguesa, resultante da expansão marítima e da presença dos jesuítas, direcionou a sua formação à filantropia católica. Vale ressaltar que a primeira Escola de Serviço Social no continente americano foi estabelecida no Chile. Por isso, esta pesquisa reforça a precisão de adotar uma abordagem histórico-crítica, a qual é essencial para compreender o desenvolvimento da profissão em relação ao sistema capitalista.

⁴ Ver o próximo tópico e as discussões em torno desse assunto.

Assim, compreende-se que este capítulo busca analisar a influência da Igreja Católica no desenvolvimento do Serviço Social, destacando a sua relevância histórica e social, bem como a sua relação com a filosofia e a cristianização de pensadores medievais europeus. Além disso, ressaltam-se alguns dos eventos mais significativos tanto da filosofia quanto da história, pois uma análise completa sobre o assunto e suas implicações, requer um estudo diferente e mais aprofundado.

1.1 Igreja Católica e o assistencialismo

Inicialmente Xavier (2022) indica que as iniciativas de assistência à população carente têm as suas raízes no cristianismo primitivo, em particular na resistência dos fieis católicos, conhecidos como mártires⁵, que estabeleceram as bases fundamentais da religião nos primeiros séculos da Era Comum. Essas ações das comunidades primitivas são essenciais para entender o papel do cristianismo na história da assistência.

Neste contexto de resistência, especialmente diante dos imperadores romanos - notavelmente Nero, reconhecido como o algoz dos cristãos - criou-se um cenário de luta que fortaleceu tanto a trajetória dos religiosos quanto o seu papel em prol das pessoas. O momento da conversão do Imperador Constantino ao cristianismo significou, posteriormente, o fim das perseguições aos cristãos.

Porém, a proclamação do cristianismo como religião oficial do Império Romano do Ocidente se dá no dia 28 de fevereiro de 380 (EC) por meio das ações do Imperador Teodósio (Xavier, 2022). Disso em diante, religiões opostas ao catolicismo foram proibidas e a legitimação da igreja promulgada pelo Édito de Tessalônica⁶.

O Édito se apresenta pois como uma condenação generalizada não só do paganismo, como também de todas as heresias existentes na época (segunda metade do século IV d.C.): arianismo, monofisismo, apolinarismo, etc. A liberdade religiosa não fazia parte da mentalidade daqueles tempos. (Guerras, p.155, 1999).

Nesse sentido, paulatinamente foram surgindo outros estágios com a presença cristã, inclusive o período considerado a ascensão e predomínio dele: o período medieval. O surgimento da Idade Média é frequentemente associado à

⁵ Apóstolos que não recusaram a fé cristã e foram condenados à morte. Entre os mártires da Igreja Católica nesse período destacam-se Pedro e Paulo.

⁶ Para Guerras (1999) o Édito é o fundamento legítimo ordenado a todos a professar a doutrina católica.

queda do Império Romano do Ocidente, conforme indicam Le Goff (1979) e Schipanski e Pontarolo (2009). Estes estudiosos ressaltam que as bases da Igreja Católica Apostólica Romana foram solidificadas nesse período e as atividades assistenciais ampliadas.

No entanto, cabe salientar que as relações sociais postas pela igreja nesse período foram excludentes e opressoras. Federici (2019) relaciona isso a posição das mulheres nesse período, principalmente, entre o final do século XV e XVI, visto que o propósito de “caça às bruxas”, por exemplo, submeteram o gênero feminino as mais duras punições, isto é, tortura física, afogamento e queima na fogueira. A autora ainda continua que:

É nesse contexto que o ataque às mulheres como “bruxas” deve ser situado. Devido a sua relação singular com o processo de reprodução, as mulheres, em muitas sociedades pré-capitalistas, foram reconhecidas por uma compreensão particular dos segredos da natureza, que as capacitava, supostamente, a proporcionar vida e morte e a descobrir as propriedades ocultas das coisas. Praticar magia (na condição de curandeiras, médicas tradicionais, herboristas, parteiras, criadoras de poções de amor) também foi, para muitas mulheres, uma fonte de emprego e, indubitavelmente, uma fonte de poder, embora as expusesse à vingança quando os remédios falhavam. (Federici, 2019, p.57).

Ainda assim, há pensadores como Schipanski e Pontarolo (2009), que colocam, em primeiro momento, que a Idade Média⁷, recebeu um conceito de forma pejorativa pelos intelectuais renascentistas⁸, pois o viam apenas como uma época de estagnação e falta de liberdade devido à imposição religiosa. Por isso, afirmam que “de imediato, rotularam-se como época de trevas, um tempo de escuridão coberto de uma espessa névoa marcada pela decadência natural e pela ignorância do homem preso aos ensinamentos da Igreja” (p. 10).

Embora Le Goff (1979), historiador francês, especialista em Idade Média e integrante da terceira geração da Escola dos Annales, apontar que o entendimento sobre essa fase histórica, mesmo sendo fanática na fé, a Idade Média foi também a “Bela Idade Média”, isto é, palco da riqueza das artes, surgimento das primeiras universidades, hospitais, inovações arquitetônicas, abrigos para a população carente etc. Assim, mesmo contribuindo para diversos campos dos saberes, não se

⁷ Le Goff (1979), em suma, divide este período em duas partes: inicialmente, Alta Idade Média (século V ao X), onde há a desagregação da sociedade antiga e os fundamentos de uma sociedade feudal. A segunda, por sua vez, como Baixa Idade Média (XI ao XV), pois há dissolução do sistema feudal e a formação do sistema capitalista.

⁸ Entre esses intelectuais estão os pensadores italianos Francesco Petrarca e Giovanni Boccaccio como críticos da Idade Média.

pode desconsiderar a influência profunda da fé cega e da predominância cristã que marcaram esse milênio.

Neste sentido, Cotrim contribui que:

Apoiada em sua crescente influência religiosa, a Igreja passou a exercer importante papel político na sociedade medieval. Desempenhou às vezes, a função de órgão supranacional, conciliador das elites dominantes, contornando os problemas das rivalidades internas da nobreza feudal. Conquistou, também, vasta riqueza material: tornou-se dona de aproximadamente um terço das áreas cultiváveis da Europa ocidental, numa época em que a terra era a principal base da riqueza. (2006, p. 107).

Sobre esses avanços, é importante destacar o que Egg (2007) salienta que as atividades assistencialistas como prática é inerente ao ser humano, não restritas ao cristianismo. Ele também destaca que tal medida não foi cunhada apenas pela vertente cristã nesse momento, mas por outras religiões como o judaísmo e o islamismo, mas marginalizadas aos relatos históricos. Cabe destacar, portanto, que nas críticas sobre a Idade Média, predominam os aspectos cristãos, onde resultou o apagamento de outras religiões e culturas em prol de exercer domínio.

Filho (2009) analisando a função da caridade associada ao assistencialismo da Igreja Católica, sinaliza que tal prática era uma forma também estratégica. O intuito, segundo o autor, era atrair a elite local, formada por senhores feudais e certos membros do clero, medidas que se tornaram presentes em toda a história da igreja a fim de propagar a sua influência.

Por essa razão, enfatiza-se a dualidade presente nessa naturalização da pobreza⁹. Observa-se que o objetivo, a princípio, não era eliminar a pobreza, mas sim oferecer assistência (caridade) e manter (mas não mudar) um número maior de pessoas em situação de vulnerabilidade, pois conforme o autor:

Na civilização cristã que floresce na Europa, uma categoria específica de pobres emerge como minoria: aquela necessária à prática da caridade. Os pobres adquirem, na ótica cristã do período, um caráter de funcionalidade: sempre devem existir pobres, para que os “não-pobres” possam assisti-los, qualificando-se como bons cristãos. (Filho, 2009, p. 3).

É importante salientar que as atividades assistenciais da igreja, nesse período, foram contraditórias, pois não se conservou apenas ao assistencialismo. Com conservação da ortodoxia religiosa, instaurou-se a Inquisição¹⁰ a fim de conter

⁹ Segundo o autor esta naturalização se dá com a visão cristã de ajuda, mas sem exercer o método da mudança, apenas o da “aceitação”.

¹⁰ Le Goff (1979) indica que a inquisição inicia no ano de 1233 por meio do papado de Gregório IX se divide em dois momentos principais: Inquisição Medieval (séculos XII e XV) e a Inquisição Moderna (séculos XVIII). As duas tiveram o mesmo objetivo de combater os “desviantes” da fé católica.

os pensamentos contrários à fé cristã. Isso aconteceu porque os acontecimentos na vida humana, compreendida pelos sacerdotes da época, era entendida como procedência divina, assim, não cabia às pessoas questionar (Cotrim, 2006; Filho, 2009; Le Goff, 1974). Reforçam Schipanski e Pontarolo (2009, p. 61) que

Para a Igreja Medieval, a natureza humana era a expressão da vontade divina, não cabendo aos apenas seres humanos questioná-la. Pela interpretação do pensamento teocêntrico, Deus era concebido como ser absoluto capaz de ditar normas sociais e de comportamento individual, estabelecendo o dualismo entre o bem e o mal, a salvação e a condenação.

Egg (2007) argumenta que esse período histórico também representa a formação de uma nova sociedade, a feudal, caracterizada por uma estrutura de hierarquização dos poderes políticos sob a influência do alto clero e da nobreza, composta por reis, grandes vassallos (como duques, condes e marqueses) e vassallos de menor grau, como os cavaleiros. Além disso, o autor explica que essa maneira de estruturação social introduziu um modo de propriedade que afetaria a segunda metade da Idade Média e daria as bases para a divisão social no mundo burguês. Assim, ele entende que

Na verdade, o feudalismo é uma forma de organização social, política e econômica e um modo de produção. Configurado por um conjunto de relações pessoais e patrimoniais, permitiu a uma minoria de proprietários privilegiados de grandes áreas (feudos-latifúndios) monopolizar diversos poderes de natureza militar, judicial, fiscal e monetária, tendo uma massa de camponeses (servos) a trabalhar para através de uma série de benefícios. (*Idem.*, p. 55).

É nesse mesmo período que o catolicismo para validar a argumentação religiosa utilizou o método filosófico e cristianizou tanto as reflexões quanto às teorias dos filósofos, em particular, as de Platão¹¹ e de Aristóteles¹² por meio dos principais teólogos da época: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Outrossim, vale salientar que os intelectuais adeptos ao pensamento de Platão receberam o nome de neoplatônicos¹³.

¹¹ Platão foi pupilo de Sócrates e professor de Aristóteles, como idealista trouxe a reflexão do Mundo das Ideias. Ele acreditava que o mundo sensível, isto é, percebido pelos sentidos, é uma cópia imperfeita de um mundo superior. Neste mundo, as coisas eram perfeitas e imutáveis.

¹² Aluno de Platão, materialista e professor de Alexandre o Grande, Aristóteles contribuiu em diversos campos das ciências naturais e humanas. Entre as suas teorias, destacam-se a Teoria da Causa. Em suma, são quatro fundamentos para o existir das coisas: a causa material (o que compõe a matéria), a causa formal (sua forma ou essência), a causa eficiente (o agente que a criou), e a causa final (seu objetivo ou função).

¹³ Seguidores de Platão que acreditava numa realidade transcendente e espiritual, advindo da interpretação dos textos desse filósofo.

Assim, entre os neoplatônicos os mais conhecidos são: Plotino, Porfírio, Ambrósio e Agostinho de Hipona. Este último, por sua vez, bispo de Hipona e considerado como um dos Pais da Igreja, isto é, os escritores e teólogos cristão dos primeiros séculos que influenciam tanto a prática cristã como os fundamentos da doutrina católica, potencializa a aproximação da filosofia e religião; fé e razão, principalmente influenciado com a filosofia platônica por meio do contato com Ambrósio. Severino (2007) resume esse contato da filosofia e da religião com os primeiros padres da igreja, que se dá com a apropriação das ideias platônicas. Desta forma, afirma Severino (2007, p. 59) que:

Os primeiros padres da Igreja (Santo Irineu, Tertuliano, Orígenes, Clemente de Alexandria), mas sobretudo Santo Agostinho, desenvolvem suas reflexões teológicas assumindo elementos da filosofia racionalista grega. Santo Agostinho apropria-se das inspirações de Platão, por intermédio do neoplatonismo, colocando, no entanto, no lugar do Mundo das Idéias, a consciência de Deus, que assume as qualidades e as prerrogativas da Idéia do Bem.

Chatelet (1980) declara que o contato dos textos¹⁴ de Platão, por exemplo, foram escolhidos semelhantemente entre os padres dos três primeiros séculos, principalmente com Clemente de Alexandria¹⁵. Ele visava facilitar a interpretação para os próximos teólogos a fim de propor um entendimento teológico em comum, ou seja, sem ter discordâncias ao ler os textos e que fortalecesse o viés religioso extraído das leituras.

Por conseguinte, o autor ainda menciona que as escolas filosóficas (epicurismo, ceticismo, cinismo etc) consideradas estoicas¹⁶, também cristianizadas pelos Pais da Igreja, influenciaram a postura sacerdotal em virtude de viver às vontades divinas, uma vez que trocam o sentido filosófico do questionamento e reflexão, em prol do pensamento religioso e dogmático.

Sob essa influência, observa-se o entendimento de Clemente de Alexandria ao abordar o pensamento platônico:

O filósofo, Platão, propondo como fim a felicidade, diz que ela consiste em tornar-se o mais possível semelhante a Deus, talvez se encontrando assim com o princípio da Lei; [...] talvez se tenha também deixado ensinar no seu tempo por alguns sábios, pois tinha sempre sede de aprender. Com efeito, a Lei diz: «Caminhai após o Senhor vosso Deus e observai os meus

¹⁴ Os principais textos escolhidos foram *Fédon* -que discute a mortalidade da alma-, os Pais da Igreja adaptaram para discutir a vida após a morte e a salvação. Ademais, a obra *As Leis*, que discutem, em suma, normas morais, foi usada pelos cristãos como alicerce dogmático para a religião.

¹⁵ Teólogo, escritor e apologista, um dos fundadores da Escola de Alexandria, onde pode combater as ideias gnósticas.

¹⁶ Cabe dizer que a escola estoica nasce com Zenão de Cítio e foca, principalmente, tanto na virtude quanto no autocontrole.

mandamentos. A Lei chama, efectivamente, à assimilação um «seguir após», o que torna mais semelhante possível. [...] E por isso que os estóicos decretaram que o fim do homem é viver de acordo com a natureza, intervertendo assim os nomes de Deus e da natureza de uma maneira indecente, pois o domínio da natureza são as plantas, as sementes, as árvores e as pedras. (Chatelet *apud* Clemente, p. 205, 1980).

Severino (2007) também explicita que a Igreja Católica assumiu a tarefa de civilizar e educar os povos a favor do pensamento cristão (papel associado ao convertimento dos pagãos) e alicerçado na filosofia grega. Vasconcello (2014) aponta que a Patrística¹⁷, que abrange o período de I a VIII d.C., encontrou em Agostinho de Hipona um importante instrumento para o “educar”, uma vez que os confrontos com os praticantes do paganismo constituíram uma das atividades centrais desse período, assim como o estabelecimento dos fundamentos do cristianismo através dos dogmas.

Egg (1995) esclarece que os extensos acontecimentos no século IX, ou seja, um século depois da Patrística, e as transformações sociais resultantes da ascensão de Carlos Magno como Imperador Romano Germânico marcaram um novo período de unificação política e religiosa na Europa Ocidental. Além disso, aponta que na Península Arábica os pensadores árabes que deram uma contribuição significativa ao progresso da medicina, com Avicena¹⁸, e à preservação das obras de Aristóteles, onde Averróis¹⁹ exerceu influência por meio de seus comentários, impactou pensadores cristãos como São Tomás de Aquino (Cotrim, 2006; Egg, 1995; Le Goff, 1974).

A continuidade da Patrística dá-se com o nome de Escolástica (IX-XVI)²⁰, em que é associada, principalmente, à figura de Tomás de Aquino. Este filósofo, considerado um dos mais influentes do período, levou o pensamento religioso à integração ao realismo aristotélico, em contraste com seu precursor, Agostinho de Hipona, que se inspirava no idealismo platônico. Silva (1988, p. 2008) explica a

¹⁷ Patrística foi um movimento filosófico que ocorreu na transição da Antiguidade para o início da Idade Média. Visa defender tanto as bases do cristianismo quanto os dogmas cristãos com a figura de Santo Agostinho.

¹⁸ Foi um polímata- conhecimento em algumas áreas científicas- como filosofia, astronomia e medicina. Neste campo, passou a ser considerado o pai da medicina.

¹⁹ Conhecido pelos comentários nas obras aristotélicas, Averróis era um filósofo e jurista mulçumano, que teve sua contribuição na conciliação da filosofia com a fé islâmica.

²⁰ Em resumo, era um método de estudos desenvolvido nas instituições de ensino do período medieval que abordavam as formulações de questões com o intuito de esclarecer a fé e a razão como complementares. Nesse sentido, na Escolástica, os textos sagrados tiveram maior importância tal como fomentou debates teológicos a partir dessas questões.

relação da Patrística e da Escolástica e ratifica a presença desses intelectuais na história:

A Patrística e a Escolástica, portanto, moldaram um colossal sistema filosófico teológico que ainda hoje persiste incólume e imortal como a verdade. De um lado, o talento de Agostinho de Hipona cuja doutrina preconiza o triunfo da cidade de Deus; do outro, o gênio de Tomás de Aquino que sintetiza magistralmente: “a única contemplação que pode exaurir todas as exigências do pensamento, e que por isso pode tornar repleta a alma de felicidade, é a contemplação de Deus.” Assim, ambas as fases se integram e se completam pela magnitude da doutrina.

Aguiar (2011) e Mustafá (2020) afirmam que Santo Tomás de Aquino, na Escolástica, interpretou o pensamento aristotélico, enviesando-o para fins de adaptação à teologia católica. Assim, ao evidenciar questões importantes como a relação entre fé e razão, o faz de modo a conciliar as duas dimensões, sem identificar que esta era a razão da supremacia da teologia sobre a filosofia e sobre a ciência. Ele estabelece na sua época, a interação entre Deus e o mundo, a relação entre fé e ciência (destacando a visão aristotélica acerca da ciência), e as questões de filosofia e teologia, além de conhecimento e realidade. Ademais, os autores destacam a influência tomista em relação à abordagem no Serviço Social nas primeiras décadas de seu surgimento, em corroboração com o pensamento de Mustafá (2020, p. 48):

No lastro destas afirmações, vamos encontrar em épocas posteriores ao período medieval, os rebatimentos destes influxos de retomada do pensamento de Aristóteles e de disputa entre fé e razão, entre conhecimento revelado e conhecimento científico que, em última instância constitui também a polêmica característica da gênese da formação do Serviço Social, no âmbito da influência da doutrina social da Igreja que se refaz ao neotomismo, na tentativa de apresentar um aristotelismo nos moldes de interpretação de Tomás de Aquino que emprega todo um direcionamento metafísico, e abstrato, distorcendo as principais teses do estagirita e imprimindo ao Serviço Social, um caráter transcendental, a-científico e a-histórico, tanto aos seus fundamentos teóricos, quanto e, especialmente, aos seus princípios éticos.

Nesta perspectiva, Cotrim (2006) complementa que as mudanças com a Escolástica, por exemplo, foram essenciais no âmbito educacional e cultural, pois resultaram no surgimento das primeiras universidades. Ele reafirma que esse cenário fortaleceu a concepção filosófico-teológica, resultando na denominação de escolástica tal como a importância para as primeiras instituições educacionais. O autor aponta que “foi assim, no ambiente cultural dessas escolas e das primeiras universidades do século XI, que surgiu uma produção filosófico-teológica denominada escolástica (palavra derivada de escola).” (p.113, 2006).

Além do mais, o pensamento de Santo Tomás Aquino, na perspectiva que Severino (2007) discute, mostra que esse teólogo está presente em toda a história da igreja, mas não de forma restrita aos europeus, visto que o pensamento tomista é influente em todos os países, principalmente na América Latina.

Severino (2007) sinaliza que o objetivo do pensamento tomista era, através do método dialético²¹, harmonizar fé e razão com vistas ao desenvolvimento humano. Este desenvolvimento é previsto na construção ética e moral que interfere no bem-estar humano. Portanto, dentre as suas obras que integram o pensamento aristotélico, destaca-se a extensa obra *A Suma Teológica*²².

Strathern (1999) ressalta que o pensamento tomista à luz das ideias aristotélicas, trouxe também outras contribuições a partir de “formas de fazer investigações científicas” em busca de respostas sólidas que fortalecessem o dogma da fé. Entretanto, o autor adverte que a ilusão estabelecida da fusão aristotélica com o pensamento tomista.

A classificação da razão por Tomás de Aquino sutilmente abre caminho para a investigação científica independente, usando os métodos de Aristóteles. Ao mesmo tempo ressalta como as conclusões tiradas dessas investigações estão fadadas a concordar com os dogmas da fé. Dá a impressão de uma parceria equitativa entre a razão e a fé — mas essa igualdade é uma ilusão. A Igreja desde muito tinha jantado a ciência. E ao fazê-lo tinha engolido Aristóteles (ou pelo menos aqueles ossos de sua filosofia que haviam sobrevivido à Idade das Trevas na Europa ocidental). A ciência de Aristóteles era agora parte da fé. O mundo era feito de terra, ar, fogo e água; a Terra era o centro do universo; um objeto pesado caía ao chão mais rápido que um objeto leve. Aristóteles escrevera que essas coisas eram verdadeiras, de modo que eram verdadeiras de fato (mesmo que ao deixar cair um livro e uma pena ao mesmo tempo se pudesse ver imediatamente o contrário). (Strathern, 1999, p.14).

Desse modo, Silva (1988) aborda que, genericamente, a cristianização das filosofias de Platão e Aristóteles impulsionou a construção do conhecimento em toda a Europa, destacando-se a influência dos intelectuais religiosos, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. O Aquinate conduzirá as questões morais e ética, onde Silva ainda aperfeiçoou esse argumento afirmando que a influência do pensamento tomista esteve presente nas incursões feitas pelas rotas marítimas.

²¹ Em Tomás de Aquino, entende-se o método dialético inserido na Escolástica como formulação de questões, visto que apresenta argumentos tanto pró como contra, além de uma síntese de uma conclusão.

²² Esta vasta obra relaciona a fé e a filosofia cristã, visto que responde a algumas questões relacionadas a Deus, Sacramento, o ser humano etc.

Nesse sentido, Schipanski e Pontarolo (2009) indicam que gradualmente o sistema feudal foi ficando incompatível com a realidade da época e com os reaparecimento das atividades comerciais, o controle da igreja na estrutura social perde espaço com a centralidade dos monarcas e o surgimento do Estado. Conseqüentemente, segundo Feldman (2015), a expansão do comércio e o crescimento das cidades urbanas, estabelecem as condições da dissolução do feudalismo e as formas iniciais do capitalismo.

Para Marx (2023), a queda do feudalismo e ascensão da burguesia não foram acidentais, mas foram questões necessárias para erguer um novo modo de produção capitalista que veria a importância do trabalho livre, isto é, independente dos moldes feudais, embora, efetivamente, fosse controlado em prol do lucro e da monopolização oriunda da força do trabalho. Como destaca no fragmento abaixo:

Se o advento da burguesia trouxe a destruição dos privilégios nobiliárquicos e a abolição do regime corporativo é porque o trabalho livre era necessário para ocorrer a produção capitalista; a necessidade de instituir a liberdade do trabalho acarretou a emancipação do trabalhador da dependência feudal e da hierarquia corporativa. Ademais, a burguesia necessitava monopolizar as fontes de riqueza, abolindo as antigas prerrogativas dos nobres, tomando posse das terras que detinham, e do poder, que também monopolizavam. (*idem.*, p. 19).

Assim, Oliveira (2005) aponta que a desarticulação do sistema feudal proporcionou os caminhos para a Revolução Comercial, isto é, para os processos de transformações econômicas entre os séculos XI e XVIII, que moldaram a Europa a partir das Grandes Navegações. Segundo a autora, também resultou na consolidação do capitalismo industrial nos séculos XVIII e XIX, atribuindo uma nova forma na relação interna e externa com os países.

Bueno (2019) complementa que essa interação teve um impacto significativo nas navegações e explorações. Nesse contexto, segundo o autor, emergiram relações de exploração, nas quais negros e indígenas foram submetidos a essa dinâmica, enquanto a população europeia branca desfrutava de privilégios, especialmente no que tange ao trabalho.

Por isso, “a escravização de alguns tem sido a condição de adquirir bem-estar a outros; com as máquinas, escravos de ferro, o bem-estar de todos é possível.” (Marx, 2023, p. 20). Portanto, o autor critica a natureza da riqueza da burguesia: o trabalho excedente da classe trabalhadora.

Egg (2007) e Monteiro (1992) enfatizam que algumas das transformações marcaram esse novo período, como as questões tecnológicas que impactaram a

vida cotidiana e o acesso ao conhecimento, tornando-o mais “acessível” e permitindo que um número maior de pessoas tivessem contato com os livros, o que rompeu com a exclusividade de uma elite privilegiada.

Nesta mesma linha de pensamento, os autores reforçam que as mudanças nas relações de trabalho ganharam destaque, assim como o advento da Revolução da Imprensa na Europa, impulsionada pelas inovações de Johannes Gutenberg (inventor alemão que suas invenções revolucionaram a técnica de impressão). As críticas ao pensamento católico, expressas nas indagações de Martinho Lutero, o surgimento do capitalismo industrial, os estudos revolucionários do Karl Marx (e a vertente marxista²³) também são elementos que caracterizam esse período, que foi marcado tanto por contradições quanto pela ascensão de uma nova classe social, conhecida como burguesia.

Netto (1994) detalha essa nova configuração social como:

Um mundo absolutamente novo: ele engendra uma cultura inédita e uma arte peculiar; confere ao conhecimento científico da natureza funções outrora desconhecidas, relacionando-o estreitamente à produção. Sobretudo, nele a economia e a sociedade são organizadas de modo particular, submetidas ambas a uma estratégia global (a da burguesia) e a uma lógica específica (a da valorização do capital). Configura-se assim um novo padrão de vida social, aquele centralizado na civilização urbano-industrial. (Netto, 1994, p.11).

Dessa maneira, as contribuições afetaram a nível mundial e mostraram uma nova sociabilidade diante das relações interpessoais, isto é, a partir da valorização do capital principalmente diante da civilização do mundo como consequência das revoluções, os indivíduos passaram a enxergar sob a novo modo de produção capitalista.

Netto (1994) assevera que os impactos são notórios e lança-se (como será visto no decorrer do texto) à contraposição dos trabalhadores. A expansão do capitalismo, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, bem como as dinâmicas que envolvem a classe trabalhadora sob a influência do marxismo e a resistência às imposições da burguesia conformam questões de relativa significância para o período.

Deste modo, a interação contraditória entre a Igreja -que presta serviços sociais a mesma a população que oprime- e o renascimento do neotomismo, onde buscava enfrentar tanto a questão social quanto “neutralizar” a oposição da classe

²³ Conjunto de teorias e análises inspiradas no pensamento de Karl Marx.

trabalhadora, são bases cruciais para o surgimento das protoformas do Serviço Social.

1.2 Neotomismo e a questão social

Como anteriormente visto, as novas tendências inseridas após a Revolução Industrial despertou novas intervenções da igreja, visto que perdeu a centralização no cenário europeu, onde apostou em uma nova abordagem. Iniciou-se com as relações postas como condições naturais, ou seja, a pobreza é entendida na perspectiva de condição natural para validar a submissão e condição dada por Deus. Em seguida, trouxe uma reação negativa ao ver a ascensão de uma classe pobre contra a burguesia, onde os próprios trabalhadores foram vistos como iludidos ao se rebelarem.

Ao refletir sobre este contexto, surgem duas indagações que norteiam esta subseção: Quais foram os motivos dos confrontos entre as ideias marxianas e o neotomismo? De que maneira a igreja interpretou a questão social e quais foram suas sugestões para a intervenção nesse contexto?

Antes de abordar a primeira questão, é essencial traçar um breve panorama das ideias do fundador dessa corrente, que, aliás, leva seu nome – Karl Marx. É importante sublinhar algumas observações sobre o contexto de sua época, ou mais precisamente, sobre as relações de classe presentes em um período histórico específico e sobre as condições materiais que afetam a luta pela sobrevivência dos trabalhadores.

Grespan (2021) e Netto (1994) afirmam que as formulações teóricas desse pensador não são exclusivamente dele, mas de parceria - em um momento da maturação das suas ideias. Deu-se ao encontro com Engels e a influência de outros teóricos principalmente iluministas. Siqueira e Pereira (2009) destacam que esses pensadores, Marx e Engels²⁴, inauguraram na história um outro jeito de ver, compreender e estudar a história.

Para uma breve biografia do Karl Marx, Netto (1994, p. 23) propõe, por um lado, a seguinte análise:

²⁴Friedrich Engels (1820–1895) destacou-se como filósofo, sociólogo, jornalista e teórico político alemão, sendo amplamente reconhecido como um dos co-fundadores do socialismo científico, junto a Karl Marx.

Pensador alemão que nasceu em Trèves, viveu na França e na Bélgica e, depois de 1850, experimentou o exílio em Londres, deixou um acervo de textos e uma copiosa correspondência que, ainda hoje, se oferece como um vasto campo para a pesquisa.

Grespan (2021, p. 20), por outro lado, complementa que:

Karl Marx começou sua vida intelectual como estudante de Ciências Jurídicas na Universidade de Bonn, vizinha de sua cidade natal, Tréveris. Depois, transferiu-se para a Universidade de Berlim, onde participou da intensa polêmica sobre a herança teórica de Hegel que se iniciava naquele fim da década de 1830. Embora tenha passado do curso de Direito para o de Filosofia, Marx não se afastou completamente da formação jurídica, tornando-a produtiva na elaboração de seu ponto de vista específico sobre a filosofia hegeliana do Estado.

Para Netto (1994), pensadores como o Karl Marx, muito influenciado pelos economistas clássicos, tais como Adam Smith e David Ricardo, e com a cultura literária alemã, além de pensadores como Immanuel Kant, Hegel e Feuerbach, impulsionaram as análises cautelosas da ascensão da burguesia, as relações sociais e econômicas, onde Marx aprofundou para lançar as bases para sua crítica tanto ao capitalismo quanto à sociedade burguesa.

Assim, para adentrar na primeira questão, nos tópicos anteriores, aborda-se a perspectiva do entendimento religioso cristão a respeito da sociedade, da vida e das relações humanas sob a influência principal de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, tais pensadores deram bases ao entendimento metafísico e abstrato em compreender o real, que serviria como base para o criticismo marxiano.

Netto (1994) diz que essa compreensão de sociedade, na ótica dos filósofos medievais, solidifica-se também em outros estágios da história, mesmo com a desintegração do sistema feudal e o surgimento das bases do sistema capitalista, a mesma visão interpretada do idealismo mantém-se favorável à relação e à compreensão abstrata tanto da natureza humana quanto da formação da sociedade moderna.

Em outras palavras, para Siqueira e Pereira (2009), a concepção idealista leva à noção absoluta da natureza divina atribuída às pessoas, principalmente no decorrer da vida humana e das suas relações. Assim, fundamenta-se em especulações acerca da função e/ou posição dos indivíduos em sociedade orientadas por um ideal divino a seguir. Por isso, os autores assinalam que:

Na Idade Média, repetimos, prevaleceram concepções teológicas de mundo e de sociedade baseadas fundamentalmente nos dogmas da Igreja, na escolástica dos filósofos e doutrinados e nas "escrituras

sagradas", cuja tônica é a existência de um destino previamente traçado pela providência divina, ou a justificação e legitimação do poder terreno pela vontade do criador, de modo a conformar o comportamento e a ação dos indivíduos às leis e costumes dominantes em determinadas épocas históricas. (Siqueira e Pereira, 2009, p. 33).

Essas observações já haviam sido feitas por pensadores que antecederam Marx, como Proudhon e Feuerbach, mas segundo Netto (1994), foi ele que aprofundou tais reflexões a partir das revoluções inglesa e francesa, uma vez que as classes antes ausentes em certos períodos da história passaram a ser presentes após tais acontecimentos. Posteriormente, as observações feitas por Karl Marx acabaram sendo objeto de estudos. Nota-se que com a modernidade e os pontos trazidos com a inserção do capitalismo, dispararam uma nova condição de vida, desenvolvimento urbano e tecnológico.

Grespan (2021) destaca que a maturação das ideias marxianas em relação ao entendimento da dinâmica da sociedade é complexa, principalmente no período Pós-Revolução Industrial. Essa trajetória do Marx, para Netto (2000), lança contribuições em relação às condições reais dos trabalhadores e às suas teses em identificação do real por meio de três conceitos principais: materialismo histórico²⁵, a revolução do proletariado²⁶ e as críticas à propriedade privada²⁷.

Dentre as reformulações sociais sugeridas por Marx, Lukács (2003), enfatiza a tomada de consciência da classe operária, pois passa a ter uma perspectiva crítica em relação à sociedade como totalidade. Esta relação tonifica a consciência e propõe uma análise crítica “pois é somente nessa relação que se revela a consciência que os homens têm de sua existência, em todas as suas determinações essenciais” (p. 140).

Grespan (2021) pontua que Karl Marx sinalizava as condições também dadas pela autoridade religiosa, em virtude da manutenção de uma parcela da população sob controle. O autor explicita que a religião, segundo Marx, funcionava como ferramenta de controle social e os trabalhadores não notavam as condições de opressão por serem condizentes com a sua realidade.

²⁵ Siqueira e Pereira (2009) no estudo do materialismo histórico, destaca-se que as condições materiais e econômicas como motores de condições sociais.

²⁶ A união e organização do proletariado, em suma, são os meios de derrubar o capitalismo e instaurar o sistema socialista. Para aprofundamento e entendimento sobre tais informações, le-se O Manifesto do Partido Comunista.

²⁷ Nestas críticas, Marx aponta a origem do sistema de exploração e alienação do trabalhador.

O pensamento restaurador, de claras conotações católicas e ranços místicos, lamentava a "anarquia" trazida pela revolução burguesa e a liquidação, pelo capitalismo, das "sagradas instituições" da feudalidade — e recusava firmemente as novas formas sociais embasadas na dessacralização do mundo e no intercâmbio mercantil. (Netto, 1994, p.13).

De acordo com Karl Marx em sua obra *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, a filosofia exerce a função de estimular o pensamento crítico. Tal afirmação contrasta com as esferas de controle social da religião. O autor identifica, portanto, que:

A imediata tarefa da filosofia, que está ao serviço da história, é desmascarar a autoalienação humana nas suas formas não sagradas, agora que ela foi desmascarada na sua forma sagrada. A crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, à crítica da teologia em crítica da política. (Marx, 2008, p.6).

Marx (2023) argumenta que o cenário das relações sociais dentro do sistema capitalista é instável. Ele reforça a necessidade da organização como conscientização do operariado em favor das melhores condições, visto que a situação posta pelo sobretrabalho (valor excedente) resulta numa sociedade majoritariamente em condições sociais precárias por causa da submissão da sua principal fonte de riqueza: o trabalho

Ademais, enquanto essa dinâmica desigual e opressora contínua nas relações de trabalho, também se desenvolve, aos poucos, a resistência dos trabalhadores (a luta de classe), que influenciará tanto à sociedade burguesa quanto aos valores sagrados da moral e da religião. Severino (2007) salienta que a mudança seria a nível mundial, uma vez que é a partir da Revolução Industrial, na Inglaterra, que há uma reformulação dos aspectos sociais, políticos e econômicos, como evidenciado na passagem a seguir:

Esse desenvolvimento no plano estimula inventos e descobertas no plano tecnológico, ampliando-se o poder de manipulação que o homem exercia sobre a natureza. Estavam lançadas as bases do capitalismo, que surgia como novo modo de organização da produção (2007, p. 60).

Lima (2004) aponta que a resposta ao conflito de classe (burguesia e proletariado) e o cenário oriundo da ascensão do capitalismo como processo de produção e reprodução da sociabilidade do capital, em virtude da exploração dos homens, das mulheres e das crianças, que resultou na crescente miserabilização de boa parte dos países europeus e, conseqüentemente, no mundo.

Nesse sentido, ao aprofundar as relações de classes, tal como a dinâmica da estrutura social na história, Netto (1994) constatou que a teoria social de Marx busca desvendar a real estrutura burguesa, onde se opõe aos seus instrumentos de exploração e reprodução. Insere-se também a participação da igreja em apaziguar os conflitos e naturalizar as vivências dos trabalhadores, segundo a apreensão teológica.

Netto (1994), Pereira (2009) e Siqueira (2009), numa mesma linha de raciocínio, indicam que as bases do teórico alemão, causaram conflitos tanto na elite quanto nos setores religiosos, a melhor opção para conter as manifestações do operariado tal a situação de extrema pobreza, seria com o neotomismo, inspirado na teologia e na metafísica. A igreja não conseguiu admitir tamanha mudança de perder os espaços antes ocupados quando comparado a um milênio de predominância e influência social das estruturas religiosas da época.

Além disso, segundo esses autores, sem a legitimação da burguesia e com a presença forte da teoria marxiana (e, em seguida, marxistas) em prol da emancipação humana, ergueu-se, neste momento, críticas e questionamentos por parte da igreja, pois a falta de visibilidade e a não ocupação dos espaços antes ocupados na sociedade, serviram não apenas para contestar uma classe ou os estudos produzidos, mas demonizar um pensamento discordante, em especial, ligada ao pensamento revolucionário. Nesse viés, estão apresentados os principais conflitos identificados pela igreja em relação ao pensamento marxiano.

Grespan (2021) entende que Marx e, conseqüentemente, os seguidores do seu pensamento, conhecidos como marxistas, marcaram a metade do século XIX e início do século XX com aspirações revolucionárias. Percebe-se, portanto, que a aproximação antes hegemônica do catolicismo foi perdendo espaço pela ascensão do Estado moderno, a supremacia da classe burguesa e a submissão do proletariado, por sua vez, ganhando mais formas. Assim, as conseqüências dessa relação estariam presentes na questão social e a resistência na organização da classe operária em busca de melhores condições.

Por isso, compreender o neotomismo, de acordo com Aguiar (2011), implica reconhecer também o desconforto causado pela classe trabalhadora à burguesia, que se fundamenta na conscientização para reivindicar direitos laborais e na resistência em busca de condições mais favoráveis. A atuação nas esferas

trabalhistas revela que os efeitos dos reflexos capitalistas, tanto na Europa quanto posteriormente em outras partes do mundo, surpreendem diante da relevância da questão social.

As condições de pobreza e conflito entre patrão e operário, contexto que, Aguiar (2011) resume o neotomismo como a volta do pensamento de São Tomás de Aquino, desde o século XVIII, relacionado à questão social. Precisa-se dizer que há uma escassez de filósofos dominicanos que lecionam a doutrina cristã no século XVIII, sendo notório tal estudo sobre o pensamento neotomista no século posterior. Cabe salientar que o autor afirma que no final do século XIX as protoformas do neotomismo ressurgem com um potencial significativo para explicar as crises morais e religiosas que afligem o mundo, sobretudo, em virtude das ameaças do liberalismo e do comunismo.

No começo do século XX, por meio da influência do papado, enxerga-se a necessidade da aproximação que Tomás de Aquino cita em sua filosofia, onde une-se dois pólos opostos: fé e razão. As reflexões teóricas de cunho religioso, advindo do pensamento tomista, encontram um solo fértil para compreender o mundo moderno e guiar espiritualmente os(as) considerados(as) desviados(as) da fé.²⁸

Dessa forma, nota-se que a obra de São Tomás de Aquino se torna relevante no Serviço Social já que evidencia uma corrente de pensamento que busca, neste âmbito de atuação, abordar as questões que permeiam a esfera social à luz da dignidade humana e da justiça social, aspectos que, de certa forma, se externalizam a partir da harmonia entre a dicotomia fé-razão.

Dito isto, adentra-se na segunda pergunta. Essa junção traria medidas para contornar a situação da burguesia e do proletariado, além de ressaltar a importância da dimensão religiosa no corpo social, onde a metodologia, tal como os motivos da decadência humana, estariam no envio das encíclicas papais²⁹ aos fieis.

O pensamento tomista emerge nas cartas papais, principalmente nas críticas aos liberais e marxistas. Entende-se o neotomismo no contexto de

²⁸ Os(as) desviados/as da fé é a visão da igreja em relação à questão social. Na ESS/PE, por exemplo, isso passa a ser entendido com a influência funcionalista e entendimento como desajustado(a).

²⁹ Entende-se por encíclica cartas que o líder da igreja católica, o Papa, direciona aos fieis.

secularização³⁰ mundial, Santos (2017) declara que a forte influência dos pensadores modernos que transitam de um período para outro, proporcionam uma nova forma de entender a realidade sem a dimensão religiosa como parâmetro e potencializa as discussões e as divergências presentes nessa época.

Vale dizer que a secularização, como salienta Santos (2017), não acontece em uma determinada época, mas está presente desde a interrupção das forças eclesiais com a Reforma Protestante (no século XVI), Iluminismo (no século XVIII) e, principalmente, as Revoluções Burguesas (dos séculos XVIII e XIX). Assim, o neotomismo é encarregado de vencer as forças opositoras que questionam os ensinamentos sagrados. O autor ainda pontua que é

Nas universidades, escolas e demais centros de estudos e de cultura que não estavam ligados como a Igreja havia, neste momento histórico, um grande interesse pelos pensadores modernos (Kant, Hegel, etc) e pelas escolas que derivaram deste pensamento, como, por exemplo, o idealismo, o kantismo, o hegelianismo, o positivismo e o marxismo. (Santos, 2017, p. 46).

Dentre as escolas exemplificadas pelo autor, especifica-se o marxismo como a principal a ser julgada e demonizada pela igreja, como sugerem as anotações do Dom Geraldo de Proença Sigaud³¹ no livro intitulado *Catecismo Anticomunista*.

Nesta obra, Sigaud (1963) afirma que o pensamento marxista é um seita tal como o próprio iniciador Karl Marx, visto que se torna a figura do próprio satanás. Sigaud (1963) também condena o pensamento marxiano como culpado de afastar o homem de Deus e projetar uma sociedade que visa a questão material, mas não a divina. Por isso, ele entende que “o materialismo comunista ensina que Deus não existe, e que só existe a matéria” (Sigaud, 1963, p. 4).

Essas questões impulsionam também o debate da igreja a respeito da ascensão da consciência de classe, principalmente no começo do século XX, que será coagido por meio das cartas papais. Além disso, a industrialização e as mudanças globais impactaram a influência das relações eclesiais, conforme destacado por Bueno (2019), que aponta a atuação dos sacerdotes baseados na

³⁰ Secularização conforme Sousa (2012) é um acontecimento oriundo da modernidade, onde representa um processo de ruptura com o modo de vida tradicional. Assim, na sociedade tradicional a figura predominante de um deus, mas na sociedade moderna há a separação de igreja e Estado.

³¹ Nascido em 1909, foi terceiro bispo católico concedido no papado de Leão XII. Dom Geraldo teceu críticas ao pensamento marxista e o considerou ser o próprio diabo.

filosofia tomista em um período específico da história do Brasil³².

As questões aqui apresentadas ressaltam as dinâmicas da exploração resultantes do sistema de produção capitalista e a conscientização da classe trabalhadora, que passaram a ser contestadas tanto pela burguesia quanto pela Igreja Católica. A situação da industrialização e a relação com os trabalhadores, o entendimento da questão social intrínseca ao modo de produção capitalista, por exemplo, guiará o(a) leitor(a) a entender a atuação do Serviço Social com a aproximação da cristandade.

Rezende e Didier (1996) notam que as condições de vida dos operários, juntamente com as transformações sociais geradas pelo capitalismo industrial, resultaram em mudanças significativas nesse período, despertando a preocupação da igreja em encontrar soluções. Souza (1997) destaca que a Igreja Católica, por ter um histórico de assistência e doutrina sobre caridade, histórico este associado às primeiras comunidades cristãs e ao período de supremacia católica, na Idade Média, a ética e a moral cristã, fundamentam o dogma da caridade que subjazem as primeiras expressões de assistência no capitalismo. O surgimento do capitalismo industrial e suas demais fases, concorrencial e monopolista, resultaram em um aumento significativo de pessoas vivendo em extrema pobreza, o que modificou as suas formas de intervenção.

Além disso, o autor reforça que a origem da questão social³³ se dá nesse período e se expande para outros países, mas sublinha que “o tema da questão social, tal como conhecido hoje, surgiu a partir da revolução industrial, no final do século XVIII, das lutas sociais na Inglaterra e logo depois na França, na Bélgica e na Alemanha.” (Souza, 1997, p. 76).

De acordo com Andrietta (2017) apenas com a Segunda Revolução Industrial, período compreendido entre o final do século XIX e começo do século XX, pode-se dizer que a Igreja Católica encontrou um ambiente favorável na busca de promover transformações sociais, culturais e políticas, onde exprimiu um novo entendimento do trabalho.

³² Fausto (2006) analisa essas transformações durante a República Velha, quando a elite agrária passou a necessitar de mão de obra após a abolição da escravatura. Nesse contexto, os trabalhadores, alemães e italianos, influenciados por ideais marxistas organizaram greves entre 1917 e 1920, resultando em conflitos de classe que a Igreja não conseguiu administrar.

³³ Entende-se a questão social a partir da análise de Silva (2016) e de Netto (2011), que significa o resultado das transformações sociais causadas pelos estágios do modo produção capitalista.

Neste momento, inclusive, as relações da igreja com o operariado foram afetadas, pois uma parcela estava inserida nas ações promovidas pela igreja a fim de aceitarem as condições trabalhistas como situações inerentes à vida, enquanto a outra parcela lutava pelas reivindicações dos seus direitos. A reivindicação, portanto, nasce com a contestação da realidade dentro das fábricas e as paralisações, greves e quebra de máquinas, foram o suficiente para chamar a atenção da burguesia.

Iamamoto e Carvalho (2014) esclarecem essa relação com o proletariado dentro do sistema capitalista e afirmam que as relações interpessoais transformam não só o contato com a natureza, mas também o próprio convívio social. Ademais, complementam que “a produção social não trata de produções de objetos, mas de relação social entre pessoas, entre classes sociais que personificam determinadas categorias econômicas” (p. 36). Por isso, a realidade vivida pelos trabalhadores é fruto da exploração típica do capitalismo. Eles comparam essa exploração a uma relação abusiva que gera uma situação de submissão que afeta diretamente o bem-estar dos trabalhadores.

O capitalismo resultou em novas possibilidades para a industrialização dos países europeus, tal como expressa os seus antagonismos. Dito isto, Oliveira argumenta que:

O desenvolvimento do capitalismo possibilitou: intensa industrialização dos países europeus, separação definitiva entre capital e o trabalho, interesses divergentes entre a burguesia e o proletariado, antagonismo entre progresso tecnológico e condições sociais e a mobilização operária, além dos movimentos socialistas e comunistas. É neste contexto de luta social de classes que ocorre o acirramento da questão social. (Oliveira, 2005, p. 3).

Nesse contexto, Aguiar (2011) afirma que o crescimento da pobreza foi notório com extenso número de pessoas desempregadas, a migração do campo para as cidades urbanas e o trabalho infantil, resultante da exploração oriunda da industrialização e do avanço do capitalismo no mundo. E reafirma que isso foi o suficiente para despertar a organização da classe trabalhadora, uma vez que estavam lançadas as medidas reivindicativas para a qualidade de vida do operariado. Ainda assim, as consequências da pauperização permanecem arraigadas nas bases da sociedade industrial. Nesse contexto, destaca-se a ascensão profissional do curso de Serviço Social em virtude da questão social.

Netto (2011) destaca que essa emergência da questão social, que se refere a um conjunto de conflitos políticos, econômicos e sociais manifestados pela classe trabalhadora durante a expansão do capitalismo, é caracterizada pela relação entre capital e trabalho. Além disso, ressalta a conexão entre o Serviço Social e a questão social.

Está solidamente estabelecida, na bibliografia que de alguma forma estuda o surgimento do Serviço Social como profissão - vale dizer, como prática institucionalizada, socialmente legítima, e legalmente sancionada -, a sua vinculação com a chamada "questão social". (Netto, 2011, p.17).

Iamamoto e Carvalho (2014) destacam que com a afirmação da hegemonia do capital, como o industrial e monopolista, por exemplo, a questão social ressurge sob novas roupagens. Assim, eles entendem que a questão social diz respeito ao processo de formação e evolução da classe trabalhadora, a qual passa a ser reconhecida tanto pelos capitalistas quanto pelo Estado.

Para Castro (2000) isso também é o início da reforma social da igreja, onde as encíclicas receberam um papel crucial de vencer as ideias liberais e socialistas, com intuito de trazer a hegemonia cristã e reagir às expressões da questão social. Tempos depois, isso resultaria, na perspectiva cristã, como influência na profissionalização do Serviço Social e no ensino superior na América Latina³⁴ por meio da interferência das cartas papais, principalmente a Quadragesimo Anno com a legitimação da Ação Católica -tema discutido em outro capítulo.

No período em que o Serviço Social transita para a sua profissionalização, quando penetra nos centros de ensino superior e se vincula a certas instâncias do Estado - ou ingressa diretamente na Universidade - duas encíclicas papais tiveram um papel sumamente importante para informar o seu desenvolvimento (mesmo que se leve em conta que, junto delas, a ação direta da Igreja e a sua permanente inspiração ideológica responderam pelo perfil e pelo substrato doutrinário da formação dos primeiros centros de formação superior). Referimo-nos às encíclicas Rerum Novarum, divulgada por Leão XIII a 15 de maio de 1891, e Quadragesimo Anno, divulgada por Pio XI a 15 de maio de 1931, dois anos depois do grande crack capitalista de 1929. (Castro, 2000, p. 58).

Assim, a integração da prática religiosa no campo do Serviço Social e, posteriormente legitimada pelas cartas papais, é entendida como parte das suas atribuições profissionais, evidenciada na pesquisa de Faleiros (2011). Este autor, inclusive, destaca que a definição do Serviço Social está intimamente ligada ao seu contexto histórico, refletindo uma disputa que ultrapassa o plano da linguagem e envolve também questões ideológicas e políticas.

³⁴ ver os tópicos seguintes sobre o surgimento do curso.

Faleiros (2011) indica ainda que, apesar de no início do século XX documentos como as Encíclicas papais *Aeterni Patris*³⁵, *Rerum Novarum*³⁶ e *Quadragesimo Anno*³⁷ terem influenciado a compreensão da igreja sobre as crises sociais globais, também moldaram a atuação do Serviço Social, alinhando-a a intervenções de caráter cristão, sobretudo, em solo brasileiro, a fim de sanar a questão social.

Neste momento, serão apresentados trechos considerados importantes das encíclicas papais e suas interpretações da volta do tomismo sobre a descrença da modernidade, solução para a questão social, além das críticas ao pensamento marxista inserido no consciente do operariado. Assim, apontam as medidas interventivas da igreja mediante as encíclicas.

Para facilitar a compreensão, segue-se a ordem cronológica das encíclicas, começando com a *Aeterni Patris* (1879) do Papa Leão XIII, seguida pela *Rerum Novarum* (1891), também do mesmo papa, por último, a *Quadragesimo Anno* (1931) do Papa Pio XI.

Para a relevância da volta da filosofia cristã, especialmente à luz da encíclica papal do ano de 1879 *Aeterni Patris*, apontava uma outra abordagem da igreja católica para lidar com os problemas sociais. Segundo este documento, os indivíduos carregam consigo a facilidade de serem enganados e a integridade da fé corrompida tanto pela falsa ciência quanto pela falsa filosofia.

Acontecendo, porém, como diz o Apóstolo, que, pela “filosofia e pelos discursos sedutores” (Col. 2,8) as almas dos fiéis costumam ser enganadas, e a sinceridade da fé ser corrompida nos homens, por isso os supremos pastores da Igreja julgaram sempre ser dever seu promover, quanto pudessem, a verdadeira ciência, e ao mesmo tempo providenciar com suma vigilância, para que todas as disciplinas humanas, especialmente a filosofia, da qual em grande parte depende o bom uso das outras ciências, fossem ensinadas em toda a parte segundo a norma da fé católica. Isso mesmo, em outras coisas já vos lembramos de passagem, Veneráveis Irmãos, quando pela primeira vez vos falamos por Cartas Encíclicas. (Leão XIII, 1879, p. 2).

³⁵ Esta encíclica explicita a necessidade de recuperar a filosofia cristã de S.Tomás de Aquino com o intuito de erguer as bases necessárias para enfrentar a secularização como também a questão social.

³⁶ Com o cenário efervescente das ideias liberais (burguesas) e socialistas (proletárias), a *Rerum Novarum* era a mais indicada para apaziguar as tensões. Ainda sim, nota-se a preferência da igreja católica à burguesia, principalmente quando Leão XIII (1879) se refere aos socialistas como culpados de instigar nos pobres o ódio invejoso contra aqueles que possuem riqueza.

³⁷ Carta enviada do Papa Pio XI a aos católicos em virtude do cenário social e econômico acontecido durante e após a Grande Depressão. Ademais, reforça a importância da *Rerum Novarum* e a participação da igreja como necessária e suficiente para sociedade.

A encíclica discute também a urgência de incentivar nos estudos da teologia São Tomás de Aquino, como forma de enfrentar os males da humanidade por meio dos discursos filosóficos, tal como os estudos científicos. Essa união, segundo o autor do documento papal, precisa ser completa para aderir ao entendimento integral das obras divinas.

Posto assim os seus sólidos fundamentos, exige-se ainda da filosofia um serviço perpétuo e variado, a fim de que a sagrada teologia possa receber e assumir a natureza, a forma e o gênio de uma verdadeira ciência. Pois neste, o mais nobre dos estudos, é da maior necessidade unir, por assim dizer, em um só corpo as muitas e várias partes das doutrinas celestes, para que, cada uma sendo alocada em seu devido lugar e derivada de seus próprios princípios, o todo possa unir-se em uma união completa; a fim de, em suma, que toda e qualquer parte possa ser fortalecida por seus próprios argumentos e pelos argumentos invencíveis dos outros. Também não é esse conhecimento mais preciso ou mais completo das coisas que se crê, e uma compreensão um pouco mais lúcida, tanto quanto possível, dos próprios mistérios da fé que Agostinho e os outros padres elogiaram e se esforçaram por alcançar, e que o próprio Concílio Vaticano (20) declarou serem mais fecundos, a serem preteridos em silêncio ou menosprezados. Esses certamente alcançarão mais plenamente e mais facilmente esse conhecimento e compreensão que, para a integridade da vida e o amor da fé, unirão uma mente arredondada e acabada por estudos filosóficos, como ensina o mesmo Concílio Vaticano que o conhecimento de tais dogmas sagrados deve ser buscado também a partir da analogia das coisas que são naturalmente conhecidas a partir da conexão desses mistérios uns com os outros e com o fim final de homem(21). (Leão XIII, 1879, p. 4).

Por fim, as considerações sobre a importância da filosofia tomista como disciplina, além de criticar determinados filósofos por seus pensamentos descrentes, Leão XIII expõe:

24. Portanto, veneráveis irmãos, tantas vezes quanto contemplamos o bem, a força e as vantagens singulares a derivar da sua disciplina filosófica que os Pais Nossos tanto amavam. Achamos perigoso que sua honra especial não permaneça sempre e em toda parte, especialmente quando se estabelece que a experiência cotidiana, e o julgamento dos maiores homens, e, para coroar a todos, a voz da Igreja, favoreceram a filosofia escolástica. Além disso, ao velho ensino sucedeu-se, aqui e ali, um novo sistema filosófico, no qual não percebemos os frutos desejáveis e salutares que a Igreja e a própria sociedade civil prefeririam. Pois agradou aos inovadores em luta do século XVI filosofar, sem qualquer respeito pela fé, o poder de inventar de acordo com seu próprio prazer e Inclinação sendo pedido e dado por sua vez por cada um. Assim, era natural que os sistemas da filosofia se multiplicassem além da medida, e surgissem conclusões diferentes e conflitantes sobre aquelas questões, mesmo as mais importantes do conhecimento humano. De uma massa de conclusões, os homens muitas vezes chegam a vacilar e duvidar; e quem sabe não com que facilidade a mente escorrega da dúvida para o erro? Mas, como os homens estão aptos a seguir o exemplo que lhes foi dado, essa nova busca parece ter apanhado as almas de certos filósofos católicos, que, jogando de lado o patrimônio da sabedoria antiga, optaram antes por construir um novo edifício do que fortalecer e completar o velho com a ajuda do novo-mal-aconselhado, em apaziguamento, e não sem prejuízo para as

ciências. Pois, um sistema multiforme desse tipo, que depende da autoridade e da escolha de qualquer professor, tem uma base aberta à mudança e, conseqüentemente, nos dá uma filosofia não firme, estável e robusta como a de antigamente, mas cambaleante e débil. E se, por acaso, às vezes se encontra pouco igual para sustentar o choque de seus inimigos, deve reconhecer que a causa e a culpa estão em si mesmas. Ao dizer isto, não temos a intenção de menosprezar os homens instruídos e capazes que trazem a sua indústria e erudição, e, mais ainda, a riqueza de novas descobertas, ao serviço da filosofia; pois, é claro, entendemos que isso tende ao desenvolvimento da aprendizagem. Mas deve-se ter muito cuidado para que todo ou seu principal trabalho não se esgote nessas buscas e em mera erudição. E o mesmo acontece com a sagrada teologia, que, de fato, pode ser assistida e ilustrada por todo tipo de erudição, embora seja absolutamente necessário abordá-la da maneira grave dos escolásticos, para que, estando nela unidas as forças da revelação e da razão, ela continue a ser "o baluarte invencível da fé". (Leão XIII, 1879, p.17).

A *Rerum Novarum* expressa as condições dos operários e faz uma crítica a respeito da tomada de consciência, principalmente para os trabalhadores que se opõem aos patrões. O problema expresso da questão social e a preferência, segundo o viés religioso de preferir a propriedade privada, são evidenciados nesse texto. Assim, de início, Leão XIII sinaliza como causa de conflitos:

2. Em todo o caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que criam para eles uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça dum concorrência desenfreada. A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isto deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários. (Leão XIII, 1891, p. 2).

Além disso, fez críticas à derrubada do sistema capitalista em prol da solução dada pelo pensamento socialista e, conseqüentemente, ao comunismo. Por isso, Leão XIII afirma que

3. Os Socialistas, para curar este mal, instigam nos pobres o ódio invejoso contra os que possuem, e pretendem que toda a propriedade de bens particulares deve ser suprimida, que os bens dum individuo qualquer devem ser comuns a todos, e que a sua administração deve voltar para os Municipios ou para o Estado, Mediante esta transladação das propriedades e esta igual repartição das riquezas e das comodidades que elas proporcionam entre os cidadãos, lisonjeiam-se de aplicar um remédio eficaz aos males presentes. Mas semelhante teoria, longe de ser capaz de pôr termo ao conflito, prejudicaria o operário se fosse posta em prática. Pelo contrário, é sumamente injusta por violar os direitos legítimos dos

proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social. (Leão XIII, 1891, p. 2).

Ele também identifica, a respeito do comunismo, o incentivo ao ódio nascente entre as classes antagônicas, além de uma inveja desequilibrada do trabalhador com os bens dos burgueses. O pontífice faz a seguinte observação:

7. Mas, além da injustiça do seu sistema, vêem-se bem todas as suas funestas consequências, a perturbação em todas as classes da sociedade, uma odiosa e insuportável servidão para todos os cidadãos, porta aberta a todas as invejas, a todos os descontentamentos, a todas as discordias, o talento e a habilidade privados dos seus estímulos, e, como consequência necessária, as riquezas estancadas na sua fonte; enfim, em lugar dessa igualdade tão sonhada, a igualdade na nudez, na indigência e na miséria. Por tudo o que Nós acabamos de dizer, se compreende que a teoria socialista da propriedade colectiva deve absolutamente repudiar-se como prejudicial àqueles membros a que se quer socorrer, contrária aos direitos naturais dos indivíduos, como desnaturando as funções do Estado e perturbando a tranquilidade pública. Fique, pois, bem assente que o primeiro fundamento a estabelecer por todos aqueles que querem sinceramente o bem do povo é a inviolabilidade da propriedade particular. Expliquemos agora onde convém procurar o remédio tão desejado. (Leão XIII, 1891, p. 5).

Sobre a questão social, na exposição feita desta encíclica, a igreja entende que:

8. É com toda a confiança que Nós abordamos este assunto, e em toda a plenitude do Nosso direito; porque a questão de que se trata é de tal natureza, que, se não apelamos para a religião e para a Igreja, é impossível encontrar-lhe uma solução eficaz. Ora, como é principalmente a Nós que estão confiadas a salvaguarda da religião e a dispensação do que é do domínio da Igreja, calarmo-nos seria aos olhos de todos trair o Nosso dever. Certamente uma questão desta gravidade demanda ainda de outros a sua parte de actividade e de esforços; isto é, dos governantes, dos senhores e dos ricos, e dos próprios operários, de cuja sorte se trata. Mas, o que Nós afirmamos sem hesitação, é a inanidade da sua acção fora da Igreja. E a Igreja, efectivamente, que haure no Evangelho doutrinas capazes de pôr termo ao conflito ou ao menos de o suavizar, expurgando-o de tudo o que ele tenha de severo e áspero; a Igreja, que se não contenta em esclarecer o espirito de seus ensinamentos, mas também se esforça em regular, de harmonia com eles a vida e os costumes de cada um, a existência. Não se oponha também à legitimidade da propriedade particular o facto de que Deus concedeu a terra a todo o género humano para a gozar, porque Deus não a concedeu aos homens para que a dominassem confusamente todos juntos. Tal não é o sentido dessa verdade. Ela significa, unicamente, que Deus não assinou uma parte a nenhum homem em particular, mas quis deixar a limitação das propriedades à indústria humana e às instituições dos povos. Aliás, posto que dividida em propriedades particulares, a terra não deixa de servir à utilidade comum de todos, atendendo a que não há ninguém entre os mortais que não se alimente do produto dos campos. Quem os não tem, supre-os pelo trabalho, de maneira que se pode afirmar, com toda a verdade, que o trabalho é o meio universal de prover às necessidades da vida, quer ele se exerça num terreno próprio, quer em alguma parte lucrativa cuja remuneração, sai apenas dos produtos múltiplos da terra, com os quais ela se comuta. De tudo isto resulta, mais uma vez, que a propriedade particular é plenamente conforme à natureza. A terra, sem dúvida, fornece ao homem com abundância as coisas necessárias para a conservação da sua vida e ainda para o seu aperfeiçoamento, mas não poderia fornecê-las sem a cultura e

sem os cuidados do homem. Ora, que faz o homem, consumindo os recursos do seu espírito e as forças do seu corpo em procurar esses bens da natureza? Aplica, para assim dizer, a si mesmo a porção da natureza corpórea que cultiva e deixa nela como que um certo cunho da sua pessoa, a ponto que, com toda a justiça, esse bem será possuído de futuro como seu, e não será lícito a ninguém violar o seu direito de qualquer forma que seja. (Leão XIII, 1891, p. 5).

A propriedade privada, a princípio, vista como dádiva divina e invejada pelos trabalhadores, marcam outra perspectiva contraditória da luta contra o pensamento classista a fim de conter as ideias marxistas e liberais, mas reconhecem a graça divina ao ter a terra como direito natural. Desta forma, destaca que

A força destes raciocínios é duma evidência tal, que chegamos a admirar como certos partidários de velhas opiniões podem ainda contradizê-los, concedendo sem dúvida ao homem particular o uso do solo e os frutos dos campos, mas recusando-lhe o direito de possuir, na qualidade de proprietário, esse solo em que edificou, a porção da terra que cultivou. Não vêem, pois, que despojam assim esse homem do fruto do seu trabalho, porque, afinal, esse campo amanhado com arte pela mão do cultivador, mudou completamente de natureza: era selvagem, ei-lo arroteado, de infecundo, tornou-se fértil; o que o tornou melhor, está inerente ao solo e confunde-se de tal forma com ele, que em grande parte seria impossível separá-lo. Suportaria a justiça que um estranho viesse então a atribuir-se esta terra banhada pelo suor de quem a cultivou? Da mesma forma que o efeito segue a causa, assim é justo que o fruto do trabalho pertença ao trabalhador. É, pois, com razão, que a universalidade do género humano, sem se deixar mover pelas opiniões contrárias dum pequeno grupo, reconhece, considerando atentamente a natureza, que nas suas leis reside o primeiro fundamento da repartição dos bens e das propriedades particulares; foi com razão que o costume de todos os séculos sancionou uma situação tão conforme à natureza do homem e à vida tranquila e pacífica das sociedades. Por seu lado, as leis civis, que recebem o seu valor(1), quando são justas, da lei natural, confirmam esse mesmo direito e protegem-no pela força. Finalmente, a autoridade das leis divinas vem pôr-lhe o seu selo, proibindo, sob pena gravíssima, até mesmo o desejo do que pertence aos Igreja, que, por uma multidão de instituições eminentemente benéficas, tende a melhorar a sorte das classes pobres, a Igreja, que quer e deseja ardentemente que todas as classes empreguem em comum as suas luzes e as suas forças para dar à questão operária a melhor solução possível; a Igreja, enfim, que julga que as leis e a autoridade pública devem levar a esta solução, sem dúvida com medida e com prudência, a sua parte do consenso. (Leão XIII, 1891, p. 5).

A *Quadragesima Anno* - a ação ativa da igreja com atividades sociais, apresenta uma comemoração aos 40º aniversário da encíclica de Leão XIII, a *Rerum Novarum*, onde o Papa Pio XI trata como meio de evangelização a necessidade de um trabalho social. Este trabalho exigiu do campo doutrinal novas interferências da igreja para com a sociedade, principalmente aos operários *fabris*.

Esta participação, por exemplo, trouxe novas perspectivas da igreja. Pio XI assinala que:

Ora a Igreja não deixou estagnar no seu selo esta linfa preciosa, senão que a fez correr em abundância para o bem comum da suspirada paz. O próprio Leão XIII e seus Sucessores não cessaram de proclamar de viva voz e por escrito a doutrina social e económica da encíclica *Rerum novarum*, urgindo-a e aplicando-a segundo a ocasião às circunstâncias de tempo e lugar, com aquela caridade paterna e constância pastoral, que sempre os distinguiu na defesa dos pobres e desvalidos. (15) Nem foi outro o proceder de grande parte do Episcopado, que com assiduidade e maestria declarou e comentou a mesma doutrina, adaptando-a às condições dos diversos países, segundo a mente e as diretivas da Santa Sé 86. (Pio XI, 1931, p. 5).

A ideia principal era uma reforma cristã dos costumes, isto é, ao perceber a vida descrente das pessoas, principalmente em relação ao afastamento da religião, introduziu-se medidas para contornar esse cenário e a presença mais íntima da igreja com a vida particular das pessoas. Pio XI (1931) notou ser o suficiente e a única via de sanar a questão social por meio de atividades cristãs. Nesse sentido, a doutrina social encontrou alicerces fundamentais para uma suposta ciência social católica.

Foi assim que à luz e sob o impulso da encíclica de Leão XIII nasceu uma verdadeira ciência social católica, cultivada e enriquecida continuamente pela indefessa aplicação d'aquêles varões escolhidos, que chamamos cooperadores da Igreja. Nem eles a deixam escondida na sombra de simples discussões eruditas, mas expõem-na à luz do sol em públicas palestras, como o demonstram exuberantemente os cursos, tão úteis e tão frequentados, instituídos nas universidades católicas, academias e seminários, os congressos ou semanas sociais >> celebrados frequentemente e com grande fruto, os círculos de estudos, os escritos repletos de oportuna e sã doutrina, por toda a parte e por todos os modos divulgados. (Pio XI, 1931, p. 5).

Pode-se questionar: qual seria, então, a importância da doutrina social ao ponto de ser considerada ciência? Mediante as pesquisas nos documentos episcopais que impulsionam o curso de Serviço Social e na própria bibliografia do curso, citado anteriormente, a conclusão mais provável, seria ter princípios discutíveis da sociedade e seus problemas internos, isto é, economia, religião, política e cultura, mas que os indivíduos reconheçam a autoridade da igreja. Esta instituição, por sua vez, teria abordagens variadas em vários campos da sociedade, inclusive, em ensinamentos que aludem à moral e aos bons costumes.

As abordagens desta última encíclica apresentam-se como atualização da última carta papal estudada, mas com alguns acréscimos: as obras sociais. Estas obras, segundo Lima (2004), referem-se aos agrupamentos de cristãos preocupados com a ajuda e a caridade. Dessa forma, uma série de medidas sociais e caritativas foram feitas no mundo e no Brasil. Entende-se que tais inquietações

formaram outros entendimentos e deram origem a outras organizações preocupadas com o bom funcionamento social.

2 O SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS ESCOLAS DE SERVIÇO NO MUNDO E NO BRASIL

O surgimento do Serviço Social no mundo não acontece da mesma forma em todos os países, as construções internas de cada país influenciam na profissionalização do curso, mesmo alicerçado nas ações caridosas e filantrópicas, e no seu desenvolvimento histórico. Infere-se que só é possível aproximar-se de um entendimento da profissão quando há compreensão do processo histórico, social e econômico dos respectivos países.

Além disso, levando em consideração os aspectos sociais e econômicos de cada país, algo é comum para a protoforma profissional: a questão social. Como visto anteriormente, após o período de intensa industrialização inglesa, os países desenvolvidos e, em seguida, os subdesenvolvidos, aplicaram o método de obtenção de riqueza por meio do lucro, em termos marxianos, a mais-valia, além de inúmeras explicações para as origens da pobreza, contrariando as relações sociais dentro do modo de produção capitalista.

Antes das duas Grandes Guerras³⁸, entre os anos de 1914 a 1945, que afligiram o mundo todo com marcas exibidas na história, a busca pelo equilíbrio social por parte das iniciativas cristãs ao redor do mundo e a caracterização do mal-estar social com a desvinculação do pensamento teocrático nas bases da insurreição da modernidade, a presença do conservadorismo e as pseudociências (como positivistas, funcionalistas, neotomista entre outras) marcam também uma outra visão do campo social e os estudos sobre as suas subdivisões no capitalismo.

Lima (2004) complementa que as protoformas institucionais do Serviço Social, tal como conhecido nos dias de hoje, erguem-se a partir da fundamentação e participação da Sociedade de Organização de Caridade (SOC). Em contrapartida, nota-se uma estreita e conflituosa relação entre as teorias sociais, a perspectiva cristã e a interferência dos ideais conservadores.

De todo modo, não será possível discutir todas as escolas, pois a complexidade e o tempo de pesquisa não são adequados para este trabalho, mas as leituras utilizadas são em concordância com o surgimento do Serviço Social na América Latina como no Chile, Argentina e Uruguai. Para iniciar a discussão e introduzir o que será desenvolvido pelos demais subtópicos, aponta-se a Sociedade

³⁸ Chama-se Grande Guerras, alusão à 1ª Guerra Mundial (1914-1918) e a 2ª Guerra Mundial (1939-1945).

de Organização da Caridade como responsável pelo desenvolvimento da profissão no mundo.

2.1 Sociedade de Organização da Caridade

A explicação da pobreza e as suas origens foram um palco de discussão ao longo dos séculos XIX e XX. Alguns pesquisadores identificaram que as raízes da pobreza e as suas manifestações remontam ao surgimento da propriedade privada e à opressão de uma classe em favor da outra, muito antes da revolução industrial, embora essa questão tenha se agravado com o advento do capitalismo.

Por outro lado, para ter uma explicação inquestionável e uma solução viável, Day (2009) sublinha que a igreja validou o argumento das pessoas “desviadas” por meio das discussões efervescentes do marxismo e do liberalismo, além do crescente afastamento das atividades religiosas na modernidade.

Segundo a análise de Day (2009) e Lima (2004), a partir de 1869 emergiram novas interpretações para o aspecto embrionário da pobreza e as discussões sobre raça começaram a ser tratadas como um objeto de resposta "científica". Em termos mais biológicos, ao invés de se limitar à genética ou à psicologia, recorreu-se ao Darwinismo Social para justificar as desigualdades sociais, indo além da mera questão econômica e atingindo a dimensão racial.

Entende-se por Darwinismo Social o que Bolsanello (1996) compreende ser a influência das ideias de Charles Darwin³⁹, onde os seres humanos nascem por natureza desiguais, uns mais superiores e outros mais inferiores. A autora ainda complementa que essa perspectiva influencia uma forma de entender o corpo social.

A vida na sociedade humana é uma luta “natural” pela vida, portanto é uma norma que os mais aptos vençam, ou seja, tenham sucesso, fiquem ricos, tenham acesso ao poder social, econômico e político; da mesma forma, é normal que os menos aptos fracassem, não fiquem ricos, não tenham acesso a qualquer forma de poder. (Bolsanello, 1996, p.154).

Este período marca o surgimento considerado fundamento legítimo para os raciocínios pseudocientíficos analisados sob os estudos da genética, psicologia e sociologia, assim:

³⁹ Biólogo britânico que propôs ideias sobre uma teoria evolucionista. Nesta teoria, as espécies evoluem gradualmente ao longo do tempo, visto que se adaptam ao ambiente.

Novos conhecimentos científicos sobre genética e psicologia forneceram "provas" de que, de fato, as causas do desvio (incluindo a pobreza) estavam no indivíduo. O darwinismo social ensinou que os anglo-saxões brancos (de preferência protestantes do norte da Europa) eram geneticamente melhores do que pessoas de outras etnias. (Day, 2009, p. 225).

É nesse cenário de mudança global e olhares para a dimensão do pauperismo, por exemplo, que foi objeto não só de estudo, mas da intervenção da Sociedade de Organização de Caridade. É fundamental questionar: O que é exatamente a Sociedade de Organização de Caridade? Qual sua relação com o Serviço Social?

Entende-se por Sociedade de Organização de Caridade (COS) a primeira tentativa de assistência no continente europeu no final do século XIX. As medidas, inicialmente, eram contraditórias, visavam auxiliar as pessoas carentes a partir de uma organização geral de instituições de caridade, mas não podiam obter ajuda de mais de uma instituição, apenas de uma.

Segundo Day (2009) a Sociedade de Organização de Caridade nasce com a finalidade de "organizar todas as instituições de caridade em uma área para que as pessoas necessitadas pudessem ser atendidas, mas não pudessem obter ajuda de mais de uma instituição de caridade" (p. 226). No entanto, para que isso fosse possível, o autor salienta que foi necessário criar meios para registrar os casos de caridade e que as instituições interessadas, inclusive a polícia, pudessem ter acesso às informações e trabalhar de forma cooperativa.

Ainda, o autor sublinha que a ideia central era restaurar a ordem natural, ou seja, a estratificação social, e reconceber os problemas sociais como uma questão moral. Dessa forma, afirma que:

Um objetivo explícito do movimento Charity Organization Society era restaurar a "ordem natural" da estratificação de classe. Não foi coincidência que o movimento tenha começado em um momento de turbulência econômica, com desemprego em massa, baixos salários e pessoas deslocadas pela guerra. A riqueza crescente das classes altas era sal nas feridas daqueles que não tinham o suficiente para comer, e a ruptura social estava em toda parte. O fim da Guerra Civil trouxe demissões na produção de guerra ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho foi inundado com soldados retornando, novos imigrantes, viúvas de guerra e escravos libertos. Pela primeira vez na história, o desemprego era um problema nacional. As Sociedades de Organização de Caridade, desenvolvidas e mantidas pelas classes de elite, tinham mais do que altruísmo em jogo. (Day, 2009, p. 227).

A base dessas organizações, de maneira sucinta, é composta, segundo Day (2009), por três eixos participativos fundamentais, que visam tanto fortalecer a

instituição quanto exercer o controle social que ela impõe: a burguesia, a igreja e o Estado. Vale destacar que, ao longo dos séculos XIX e XX, por exemplo, surgiram diversas Sociedades de Organização de Caridade, que se tornaram mais proeminentes, especialmente no início do século passado.

Simões (2005) cita a Settlement House como exemplo de outras Sociedades de Organização de Caridade. Ela serviu de referência para o Serviço Social nos Estados Unidos e, sob a liderança da Jane Addams⁴⁰, fundou a Hull House, com o objetivo de fornecer oportunidades culturais e educacionais para pessoas carentes.

Ademais, conforme os dados apresentados por Day (2009), observa-se que das 92 sociedades de organizações de caridade existentes somente nos Estados Unidos, esse número aumentou para 150 instituições nos EUA até o final de 1904 com forte influência de Jane Addams.

Sobre Addams, Day (2009, p. 230) contextualiza que

Em seus primeiros anos, após se formar na faculdade, ela foi atormentada por problemas de saúde. Incapaz de trabalhar, ela viajou com Ellen Starr para a Inglaterra em 1887 e lá se interessou pelo Toynbee Hall. Retornando a Chicago, ela fundou a Hull House e começou seu trabalho na reforma social. Ela se tornou a mulher mais famosa da América, um modelo de virtude feminina.

Além disso, das variedades da Sociedade de Organização de Caridade, cabe ressaltar que a Inglaterra se destaca como pioneira na assistência entre os países europeus, por isso “a Inglaterra se tornou um país paradigmático na discussão sobre assistência social” (Simões, 2005, p. 30). A notória figura do reverendo S. Humphreys, ilustra a expansão dessa instituição para outras localidades, como Londres (1869) e Buffalo (1877).

Sabe-se que a questão social e a consciência de classe dos trabalhadores, despertou a atenção de vários segmentos da sociedade, principalmente da burguesia e da igreja. Lima (2004) observa que a assistência promovida por essa instituição obedecia a lógica de coibir qualquer perspectiva reivindicatória da classe operária, pois apresentava perigos, além de controlar a questão social, visto que é entendida como culpa dos próprios indivíduos.

Ademais, havia uma inclinação em oferecer ajuda às pessoas, com um foco especial às mulheres e às crianças. No entanto, Day (2009) aponta que essa dinâmica era marcada por tensão. Em relação à atuação das Sociedades de

⁴⁰ Jane Addams foi uma pioneira ativista social, assistente social e reformista social estadunidense.

Organizações de Caridade com as mulheres e as crianças, em particular, compreende-se que:

As COSs ajudavam mulheres e crianças somente se o ganha-pão morresse, e somente se o visitante amigável achasse melhor manter a família unida. A institucionalização era preferida: mães eram enviadas para asilos e crianças para orfanatos, para "treiná-las para longe" da herança do pauperismo. As famílias dos bêbados não eram ajudadas, a menos que o bêbado fosse embora; suas esposas eram então consideradas viúvas. Famílias abandonadas, no entanto, não recebiam ajuda por medo de que isso encorajasse outros homens a desertar. Os idosos eram ajudados somente se não fossem culpados por sua própria miséria. Se as famílias fossem elegíveis para apoio, o COS primeiro pedia a parentes, amigos, igrejas, ex-empregadores e sociedades fraternais para apoiá-las. Se isso não funcionasse, doadores privados e instituições de caridade eram abordados. (Day, 2009, p. 228).

Tendo como lógica o lucro e a busca desesperada pela obtenção de riqueza, as crianças eram submetidas às mesmas condições laborais dos adultos. Assim, o autor destaca essa relação de contradição que:

O salvamento de crianças recebeu ímpeto dos movimentos COS e de casas de assentamento. Enquanto o movimento de casas de assentamento trabalhava diligentemente por leis trabalhistas de proteção infantil, os COSs acreditavam que a pobreza era herdada, mas que o pauperismo adulto poderia ser prevenido tirando as crianças de ambientes ruins. Antes da década de 1870, as crianças eram consideradas adultos pequenos, e a infância não existia. Dessa perspectiva, seu trabalho não era exploração, mas seu dever para com a família, a sociedade e Deus. Como resultado, as crianças eram obrigadas a trabalhar assim que pudessem, geralmente nas fábricas aos três anos de idade. Elas também eram acusadas de crimes de adultos, julgadas como adultas e geralmente esperavam que se mantivessem. (Day, 2009, p. 232).

Ao abordar a relação com o Serviço Social, Lima (2004) salienta alguns pontos que orientam tal vínculo, visto que com a Sociedade de Organização de Caridade de Baltimore, junto a Mary Richmond, gradualmente, foi dando formas ao que viria a ser o Serviço Social e as suas primeiras escolas no mundo. Day (2009) esclarece que

Richmond começou sua carreira em serviço social como tesoureira assistente na Baltimore Charity Organization Society e subiu na hierarquia até se tornar sua secretária geral. Ela desenvolveu uma filosofia de trabalho social consistente e coerente baseada em treinamento profissional e pesquisa social e sustentou que tanto o trabalho de caso pessoal quanto a ação social eram necessários para a prática. Em 1893, ela começou uma série de conferências educacionais para visitantes amigáveis, usando histórias sociais como material de caso; em 1897, ela desenvolveu um plano e currículo para uma "escola de treinamento filantrópico". (Day, 2009, p. 238).

A Sociedade de Organização de Caridade apresentou preocupações sobre os serviços prestados no âmbito social, para tanto, promoveu atividades formativas

que visualizam o desenvolvimento pessoal e a compressão do cenário social daqueles que integravam a organização. Tais capacitações foram denominadas de Cursos Regulares para a Formação de Agentes Sociais Voluntários.

Em resumo, Lima (2004) faz a seguinte menção a esse processo organizativo da Sociedade de Organização de Caridade e a instauração do Serviço Social:

Assim, sob a responsabilidade da COS, passaram a ser ministrados Cursos Regulares destinados à Formação de Agentes Sociais Voluntários. A Mary Richmond, da COS de Baltimore, deve-se a Organização e a regência desses primeiros Cursos de “Filantropia Aplicada”, como eram chamados à época. Ainda no ano de 1899 foi fundada a 1ª Escola Européia em Amsterdã, Holanda. Os Cursos multiplicaram-se pela Europa e Estados Unidos: 1908, na Alemanha e na Inglaterra, 1911 e 1913 em Paris -respectivamente um de orientação católica, e em seguida, um protestante. (Lima, 2004, p. 48).

Lima (2004) destaca que a formação começou a tomar formas mais definidas em 1916, período em que aconteceu a 1ª Conferência Nacional de Trabalhadoras Sociais. Nesse encontro, foram discutidas e comparadas as perspectivas estadunidense e europeia sobre a nomenclatura profissional. Ademais, a abordagem americana, inspirada por Mary Richmond, nomeou o curso de Trabalho Social e os profissionais de Trabalhadores Sociais, enquanto isso os europeus mantiveram a designação de “Serviço Social” para o curso, referindo-se aos profissionais como Assistentes Sociais.

Dito isto, como visto acima, a figura de Mary Richmond forneceu os contornos essenciais do desenvolvimento do Serviço Social. Sobre a influência religiosa nas ideias norte-americanas de Richmond, Simões apresenta as seguintes observações:

A religião também se fez presente, de forma relevante, no Serviço Social norte-americano. Nesse país, a profissão surgiu vinculada ao trabalho organizado pelas Charity Organizations Societies - COSS -, tendo Mary Richmond como principal liderança. Foi por meio do treinamento de charity workers (que numa tradução mais livre pode ser identificado como "trabalhadores voluntários", embora a tradução literal seja "trabalhadores da caridade") que a atividade caritativa passou a ter o status de profissão e prover oportunidades para reflexões e pesquisas acadêmicas, de que resultaram a formulação de ideias e princípios teóricos. (Simão, 2005, p. 45).

É importante ressaltar que, como já abordado anteriormente, a religião permanece conectada às suas raízes institucionais, contribuindo para o entendimento e direcionando as formações, conforme descreve Simões (2005). Diante dos embates entre as perspectivas americana e europeia, os valores das crenças se mantiveram presentes.

Assim, de acordo com o autor citado, os defensores do pensamento de Mary Richmond enfatizam uma abordagem científica e estatística, focada exclusivamente nas atividades profissionais, sem quaisquer referências ao cristianismo. Isso contrasta com os ideais dos europeus sobre a profissão, onde, por razões pessoais ou outras razões, ainda se percebia a influência da caridade cristã em favor da ação social.

Além dessas considerações, Lima (2004) ressalta outras discussões em torno do sentido etimológico da profissão, segundo os estudos feitos pelos americanos e os europeus sobre o objetivo da profissão.

Além disso, a Língua Inglesa tem dois termos para significar “trabalho”: “work”, que remete à ideia de trabalho no sentido de realização pessoal e re-criação intelectual, mais do que remuneração propriamente dita; e “labour”, referindo-se essencialmente à venda da força de trabalho e à questão da necessidade de trabalhar para assegurar a subsistência (Martinelli, 1991). Assim, quando as Assistentes Sociais americanas defendiam o nome “Social Work”, estavam não só enfatizando o aspecto profissional da atividade, como também remetendo ao sentido mais nobre do trabalho, como realização pessoal. (Lima, 2004, p. 49).

Ao contrário da visão europeia, conforme o autor mencionado, essa definição possui raízes no latim, onde é entendida como ajuda e suporte, sendo fortemente moldada pela lógica cristã, já que é língua padrão da Igreja Católica. Nessa esfera, surge a noção dual do Serviço Social, tanto como uma atividade de assistência às necessidades dos outros quanto como uma profissão voltada à promoção de direitos. A abordagem europeia em relação ao exercício da profissão tornou-se predominante em várias nações da América Latina, incluindo o Brasil, visto que se priorizava a abordagem grupal com influência da doutrina positivista e funcionalista (da sociologia) e neotomista (católica).

Simões (2005) destaca que, na cultura norte-americana, as influências do Serviço Social, embora manifestadas de maneiras distintas, incluem a ética protestante, o liberalismo e o positivismo. Segundo a lógica da ética protestante, abordada pelo autor, o indivíduo deve ser autossuficiente e capaz de gerar a sua própria riqueza. Deste modo, a assistência se destinaria apenas àqueles trabalhadores que não demonstram condições de conseguir trabalhar.

Day (2009) menciona que

A profissão de serviço social continuou em seus dois cursos: o iniciado pelo movimento COS (que buscava o trabalho de caso individual para “curar” os aflitos e desviantes usando o “modelo médico”) e o que se seguiu ao movimento de casas de assentamento (com base na ação comunitária,

trabalho em grupo e ação social e reforma contra problemas estruturais da sociedade, ou o "modelo estrutural"). (Day, 2009, p. 239).

Nesse contexto, Simões (2005) discute o aparecimento do Serviço Social tanto globalmente quanto no Brasil, ressaltando que surgiu a partir das iniciativas das Sociedades de Organização de Caridade. Ele destaca que a Europa foi o berço da profissionalização nesse campo, especialmente sob a influência da vertente religiosa cristã. O autor reconhece a relevância do movimento operário, fazendo uma conexão entre a industrialização, que é um dos fatores que impulsionaram a emergência dessa profissão.

Dessa forma, os fundamentos para a profissionalização do Serviço Social e as Escolas de Serviço Social, que se tornaram conhecidas por sua institucionalização, são frutos das iniciativas das Sociedades de Organizações de Caridade, cada uma refletindo o contexto sócio-histórico do seu país de origem. Contudo, as razões que despertaram o surgimento da profissão, que serão exploradas nos capítulos seguintes, decorrem da mobilização da classe trabalhadora, que leva o Estado a adotar medidas interventivas, além da atuação da igreja em questões igualmente relacionadas às intervenções.

2.2 Surgimento das primeiras Escolas e profissionalização do Serviço Social no mundo

Este tópico inicia-se com as reflexões de Yazbek e Yamamoto (2019), que destacam que a América Latina, em sua trajetória de desenvolvimento do capital influenciada pela colonização europeia, apresenta características únicas em suas formações econômica, política, social e cultural. Assim, é essencial pontuar que a profissão se forma dentro dessas particularidades que definem a capacitação profissional.

Ademais, ao longo deste tópico, será abordada a institucionalização do Serviço Social nos países da América Latina, especificamente, Chile, Argentina e Uruguai. As primeiras escolas de Serviço Social nesses países surgem, respectivamente, em 1925, 1930 e 1937, isto é, em pouco mais de uma década e todos seguem a abordagem europeia, originada a partir das iniciativas da Sociedade de Organização de Caridade. A influência de figuras como Mary Richmond e Jane Adams, por exemplo, não apenas estabelecem fundamentos para o Serviço Social,

mas também moldam uma prática interventiva que abrange as abordagens de caso, grupo e comunidade.

As Escolas de Serviço Social europeias não datam todas na mesma época. Surgem no século XIX, sendo a da Inglaterra (1886) a mais antiga, seguida pela da Alemanha (1899). Do início do século XX até os anos 1920, foram registrados outros sete casos de surgimento de cursos de Serviço Social: França (1907), Suíça (1908), Suécia (1910), Áustria (1912), Finlândia (1918), Noruega (1920) e Bélgica (1920). Após os anos 1920, os países europeus vão incorporando cursos de Serviço Social em seus complexos universitários, até os anos 1980 (Espanha, 1932; Israel, 1934; Irlanda, 1934; Portugal, 1935; Dinamarca, 1937; Grécia, 1945; Itália, 1945; Turquia, 1961; Iugoslávia, 1953; Islândia, 1981) (Brauns e Kramer, 1986). (Simões, 2005, p. 44).

Abaixo, apresenta-se uma tabela⁴¹ contendo informações sobre o surgimento do Serviço Social europeu em decorrência das ações das Sociedades de Organização de Caridade. É importante ressaltar que o Serviço Social não se desenvolve simultaneamente nos países europeus, apesar de ser considerado o berço da profissão.

Tabela 1- Cronologia do Surgimento da Escola de Serviço Social

Escolas de Serviço Social Europeu	
Anos	Escolas de Serviço Social
1886	Escola de Serviço Social da Inglaterra
1899	Escola de Serviço Social da Alemanha
1907	Escola de Serviço Social da França
1908	Escola de Serviço Social da Suíça
1910	Escola de Serviço Social da Suécia
1912	Escola de Serviço Social da Áustria
1918	Escola de Serviço Social da Finlândia

⁴¹ Os anos podem sofrer alteração por meio da pesquisa utilizada pelos os autores. Nesse sentido, as informações datadas nas tabelas estão contidas nas obras "Serviço Social na História: América Latina, África e Europa" e "Assistentes Sociais e Religião: um estudo Brasil / Inglaterra".

1920	Escola de Serviço Social da Noruega
1920	Escola de Serviço Social da Bélgica
1930	Escola de Serviço Social da Espanha
1934	Escola de Serviço Social de Israel
1934	Escola de Serviço Social da Irlanda
1935	Escola de Serviço Social de Portugal
1937	Escola de Serviço Social da Dinamarca
1945	Escola de Serviço Social da Grécia
1945	Escola de Serviço Social da Itália

Fonte: Assistentes Sociais e Religião: um estudo Brasil / Inglaterra.

Dessa forma, Yazbek e Iamamoto (2019) sinalizam que a profissionalização do Serviço Social no cenário global ocorre por meio de diversos atores e o estabelecimento das escolas pode, por um lado, estar ligado às iniciativas de intervenção do Estado em resposta às demandas de certos grupos, à organização da classe trabalhadora ou a correntes partidárias. Por outro lado, pode também ser influenciada pela necessidade da igreja de impor um julgamento moral sobre o afastamento dos indivíduos de Deus, como ocorre com o surgimento da pobreza e a responsabilização dos próprios indivíduos.

É relevante destacar que há um aspecto comum ao surgimento do Serviço Social na América Latina é a questão social. Como mencionado anteriormente, Netto (2011) aponta essa questão como um elemento fundamental do Serviço Social na Europa, o que se repete nos demais países. Porém, precisa-se levar em consideração não só isso, mas as construções internas e o modelo tardio do capitalismo latino-americanos, sinalizando para uma estrutura diferenciada dos europeus.

Goin (2016) ressalta que até a década de 1940, o Serviço Social era compreendido de acordo com a perspectiva católica. Entretanto, a partir dessa época, as influências das metodologias norte-americanas começaram a se fazer

presentes. Nos anos 1920, a autora observa que o Chile passa por uma transformação significativa, uma vez que enfrenta desafios em atender às demandas relacionadas à jornada trabalhista, à saúde pública e à habitação, por exemplo, mesmo com a presença da burguesia.

Castro (2000) e Goin (2016) enfatizam que, em 1924, um ano antes da fundação da 1ª Escola de Serviço Social na América Latina, a responsabilidade pela saúde dos trabalhadores e pelas questões de assistência e previdência, em nível mundial, é atribuída ao médico especializado em saúde pública, René Sand. As suas viagens da Europa para a América contribuíram para o aprofundamento da sua compreensão sobre pobreza, epidemias, saneamento básico e assistência. De certa forma, o Serviço Social, nesse contexto, desponta como uma profissão destinada a apoiar os médicos, semelhante a um cargo de paramédicos.

É importante dizer que, o Serviço Social, na análise de Goin (2016), no Chile, é o resultado das reflexões de René Sand diante da situação da Bélgica na 1ª Guerra Mundial, o que gerou um interesse por intervenções sociais em razão do contexto de conflito. Além disso, nesse mesmo período de guerra, especificamente no ano de 1920, foi fundada na Bélgica a primeira Escola de Serviço Social.

Contudo, é importante destacar uma questão levantada sobre a fundamentação profissional por Castro (2000), considera-se que a profissão no Chile se desenvolve em duas fases. A primeira corresponde à atuação do Estado em um ambiente tenso com a sociedade civil; a segunda está ligada à influência da Igreja Católica, que por muito tempo buscou exercer um controle absoluto sobre diversos setores da sociedade.

Castro (2000) menciona que o Serviço Social, com bases na iniciativa católica, está associado ao ensino privado, em particular, à Escola Elvira Matte de Cruchaga. De acordo com o autor,

A organização da Escola Elvira Matte de Cruchaga, a partir de 1929, responde a motivações diversas. Obedeceu ao interesse da Igreja em criar um centro católico ortodoxo para a formação de agentes sociais adequados às mudanças sofridas pela sociedade chilena, buscando responder aos estímulos concretos e práticos que lhe impunha a luta de classes, assim como a uma estratégia de continentalização da influência católica na criação de escolas de Serviço Social. (Castro, 2000, p. 72).

Na Argentina, conforme sugere Oliva (2005), observa-se que o contexto sócio-histórico do país também está diretamente ligado às discussões em torno do desenvolvimento do Serviço Social na América Latina, uma vez que ocorrem

transformações que correspondem à evolução da profissão. Dessa maneira, em 1927, através da iniciativa de Dr. Rodriguez, influenciada por demandas do Partido Socialista, foi criada a Escola de Serviço Social da Argentina. Oliva (2005, p. 88) destaca que

A incorporação do Museu Social Argentino à Universidade coloca num futuro feliz a resolução de uma série de problemas que sem proteção oficial levaria tempo para encontrar eco. Um deles é a necessidade de criação da Escola de Serviço Social. A Argentina viu suas universidades se desenvolverem de maneira diferente daquele dos países anglo-saxões e especialmente para os povos de língua inglesa (...) no nosso país todo o ensino público tem sido oficializado.

De acordo com Oliva (2005), o Serviço Social tinha como principal meta promover um estudo detalhado da realidade social, a partir de investigações aprofundadas para identificar soluções para os desafios sociais.

Uma característica notável da profissão na Argentina, em contraste com outros países da América Latina, é que a formação profissional não era exclusiva para mulheres, como era na época e nos outros países, mas também se estendia aos homens. Oliva (2005) também ressalta a contribuição da prática desenvolvida por Mary Richmond no processo interventivo do Serviço Social Argentino, por exemplo, o método de grupo, caso e comunidade, é presente nas abordagens das assistentes sociais.

Oliva (2005) aponta que, a partir dos anos 1940, a aproximação da instituição religiosa fomenta o Serviço Social por medidas privadas, conforme evidenciado em suas palavras na passagem a seguir:

Em meados da década de 1940, além dos mencionados, outros centros de formação estavam em funcionamento: Escola de Assistência Social “Nossa Senhora da Misericórdia” na cidade de La Plata; Escola Assistentes Sociais Municipais da Administração da Saúde e Assistência Social da Província de Santa Fé; Escola de Serviço Social de Associação de Ex-Alunas do Liceu Nacional de Moças da cidade de Rosario 110; Escola de Serviço Social de Santa Fé; Escola de Serviço Social da Província de San Juan; Escola de Serviço Social de Córdoba; Escola de Serviço Social da Província de Mendoza e Escola de Serviço Social da província de Tucumán. (Oliva, 2005, p. 94).

Yazbek e Yamamoto (2019) ressaltam que as condições sociais do Uruguai entre os séculos XIX e início do século XX são essenciais para compreender os primeiros passos da profissão na região. Isso nos leva a refletir sobre as outras escolas da América Latina mencionadas anteriormente, bem como sobre a situação que se desenvolverá no Brasil, que será discutida a seguir. A transição para um

modelo econômico mais industrializado, juntamente às exigências desse novo cenário, potencializa o êxodo rural uruguaio e o surgimento dos centros urbanos.

A partir disso, o Serviço Social Uruguaio para Bravo (2022) surge como uma proposta de intervenção estatal em resposta às consequências da questão social, fortemente influenciada pelo período do Batllismo⁴². Este movimento, que ocorreu na segunda metade do século XX, buscou a modernização por meio das indústrias e a secularização da sociedade, eliminando a influência de elementos religiosos e a supremacia do papel interventivo estatal.

O esquema caridade/filantropia, presente ao longo do século XIX até os inícios do século XX, começa a se contrapor ao papel central que o Estado adquire no campo da proteção social. Este se associa claramente com o forte processo de secularização da vida social, que também esteve vinculado à entrada na sociedade uruguaia das ideias positivistas, presentes fundamentalmente na Universidad de la República e, em especial, na Faculdade de Medicina. (Yazbek e lamamoto, 2019, p. 190).

Ademais, esse período também consolida uma nova vertente do Batllismo, conforme Yazbek e lamamoto (2019), que representa uma transformação no modelo econômico agroexportador. Nesse contexto, houve uma transição para um modelo interno, voltado ao fortalecimento da indústria nacional.

De acordo com Yazbek e lamamoto (2019), as concepções positivistas possibilitaram uma análise centrada no indivíduo em relação ao contexto social em que estava inserido. Dessa forma, a abordagem higienista, que tem as suas raízes nas bases médicas, atribui à profissão um caráter moral, além de responsabilizar os profissionais pela promoção de transformações sociais ao apoiar a comunidade, considerando que:

A formação proporcionada nas duas instituições, mais do que suas particularidades, respondia às tarefas que ficariam a cargo das graduadas e que ligavam a formação em Serviço Social a atividades claramente práticas de caráter muitas vezes moralizante, fundamentadas em discursos "científicos" provenientes principalmente da medicina. (Yazbek e lamamoto, 2019, p. 192).

Assim, a presença da religiosidade se manifesta através da *Escuela de Servicio Social Del Uruguay*, que foi apoiada pela União Católica Internacional de Serviço Social e pela Escola Católica Chilena Elvira Matte Cruchaga. Isso evidencia a estratégia da igreja em apresentar o Serviço Social como uma forma de caridade.

Dito isto, qual seria a conexão que há no surgimento do Serviço Social dos respectivos países latino-americanos? Conclui-se que além do aspecto essencial

⁴² Pensamento que enfatizava o nacionalismo e o desenvolvimento social, político e econômico.

que é comum à questão social, o modelo de intervenção social e as atividades técnicas desenvolvidas dentro do Serviço Social norte-americano estão inicialmente relacionadas à formação das três primeiras escolas de Serviço Social na América Latina.

Adicionalmente, a perspectiva médica da profissão, que historicamente esteve mais voltada à caridade e, conforme sinalizam Yazbek e Yamamoto (2019), para uma orientação mais científica, ou seja, sob a lógica higienista, apresenta o profissional como um elo entre o indivíduo e o médico. O modelo norte-americano de intervenção social e as atividades tecnicistas engendradas no seio do Serviço Social, alinha-se, primeiramente, à formação das três primeiras escolas de Serviço Social na América Latina.

No ano de 1930, a influência estadunidense era visível principalmente no Brasil, na Constituição de 1934, por sua vez, faz menção a obrigatoriedade de estimular uma educação higiênica com o intuito de sanar os males sociais referindo-se à pobreza. Por isso, na Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, salienta que:

ArL. 138. Incumbe á união, aos Estados e aos Municipios, nos termos das leis respectivas: a) assegurar amparo aos desvalidos, creando serviços especializados e animando os serviços sociais, cuja orientação procurarão coordenar; li) estimular a educação eugénica: c) amparar a maternidade e a infancia; d) Socorrer as familias de prole numerosa; e) proteger a juventude contra toda exploração, bem como contra o abandono physico, moral e intelectual; f) adoptar medidas legislativas e administrativas tendentes a restringir a mortalidade e a morbilidade infantil ; e de hygiene social, que impeçam a propagação das doenças transmissíveis ; g) cuidar da hygiene mental e incentivar a lucta contra os venenos sociais. (Brasil, 1934).

Para Castro (2000), Goin (2016), Oliva (2005) a ideia de uma profissão moralmente comprometida em orientar as pessoas a superarem os problemas sociais destaca a figura feminina como um elemento essencial na configuração da sociedade. Tendo em vista que a mulher na sociedade, na perspectiva cristã, era (e continua sendo) vista como aquela responsável por à luz de um olhar materno de cuidado e proteção.

Ademais, destaca-se a secularização e as ações do ensino privado, que estiveram presentes em todo o processo formativo do curso. Em países como Chile, Argentina e Uruguai, observa-se que o distanciamento entre a igreja e o Estado permitiu uma participação mais ativa do Estado na sociedade civil. Nesse contexto, a iniciativa do ensino católico em oferecer o curso de Serviço Social foi essencial

para manter a influência da fé, a fim de restaurar e manter seu poder hegemônico na sociedade.

2.3 Ação Social e Ação Católica: surgimento das primeiras escolas de Serviço Social no Brasil.

O Serviço Social na América Latina surge das iniciativas europeias que buscavam enfrentar a decadência moral e a secularização. Essa visão da interpretação da pobreza se esbarra em outros países, principalmente no Brasil, mas precisa-se sublinhar que na história do país, na perspectiva de Fausto (2006), para além da interferência europeia do século XIX e XX, no cenário mundial, o país teve suas raízes na ocupação portuguesa nas terras dos povos originários e mediante a imposição religiosa⁴³. Por isso, no contexto brasileiro, algumas observações devem ser feitas para entender essa relação de ação católica e ação social na gênese do Serviço Social brasileiro.

Fausto (2006) descreve que houve uma intensa mudança do final do século XIX no setor social e econômico. No Brasil, segundo explica o autor, o país fixa-se nas atividades agrícolas, onde a região centro-sul (café) e a sul (instalações de pequenas propriedades) predominam nas relações econômicas e desenvolvimento interno, quando comparado às outras regiões.

Além disso, Fausto (2006) ressalta a importância da produção da borracha nos anos de 1880, pois tornou-se o produto mais exportado depois do café. Esse momento é crucial para impulsionar a industrialização do país e o desenvolvimento de algumas regiões.

O universo industrial urbano e o discurso mais próprio à situação da luta de classe na Europa do fim do século, que dava base à sua pregação, era naquele momento no Brasil uma ilha extremamente reduzida no oceano rural em que o trabalho escravo muito recentemente fora abolido. (Iamamoto; Carvalho, 2014, p. 151).

De acordo com Monteiro (1992), no Brasil, durante o que se conhece como a primeira república, ou seja, entre os anos de 1889 e 1930, a igreja passou a ser tratada de maneira diferenciada no contexto político, especialmente após a separação entre a igreja e o Estado. Assim:

⁴³ É importante dizer que a exclusão de uma religião, causa o apagamento de outras. Assim, acontece no Brasil tanto com os saberes ancestrais quanto a presença dos povos originários.

Na conjuntura brasileira, tal situação vinha-se gestando nos conflitos que culminaram com a questão religiosa, em 1874, assume a forma de lei na Constituição de 1891. Sendo assim, fica oficialmente reconhecido o caráter a-religioso do novo regime, negação dos direitos políticos aos religiosos, a secularização dos cemitérios, a laicização da educação e a extinção da religião como disciplina obrigatória do currículo escolar. (Monteiro, 1992, p. 50).

Além disso, Silva (2016) traz uma observação relevante sobre o contexto brasileiro, destacando que a transição do sistema escravocrata para a mão de obra livre coincide com o surgimento da burguesia no país. Esse surgimento, por sua vez, mostra-se a elite branca, europeia e cristã, como detentora dos pólos industriais. Desta forma, afirma a autora

A organização de um polo industrial, sobretudo, no eixo Rio-São Paulo, diretamente associado ao processo de diversificação dos investimentos decorrentes do excedente advindo da produção e comercialização do café, fundou as bases sociais e econômicas a partir das quais a 'questão social se manifestou nos grandes centros urbano-industriais como decorrência tanto da ampliação numérica como das formas de organização do proletariado. (p. 82).

Ela pontua que em um país periférico e dependente, a consolidação da burguesia não resultou em avanços civilizatórios, nem em mudanças legislativas ou na conquista de direitos sociais. Entretanto, os direitos que estavam em vigor eram restritos à burguesia, considerada um modelo de cidadania. Conseqüentemente, na ampliação industrial dos pólos regionais de ampla visibilidade (Centro-sul e Sul), outras regiões são submissas em prol do bem-estar da elite, nesse caso, o Nordeste. Esse destacava-se pela mão de obra barata e precária, ocupando um espaço que, para Fausto (2006), compreende a desvalorização e o distanciamento das regiões, em particular Sudeste e Nordeste.

Assim, continua Fausto, acerca da industrialização do país e da necessidade de trabalhadores, a imigração de alemães e italianos, especialmente influenciados pelo pensamento socialista e anarquista, marcou São Paulo e Rio de Janeiro com paralisações e greves nos anos de 1917 e 1921, em busca de melhores condições. Ferreira (2010) entende esse cenário como crucial para as atividades da igreja católica, principalmente após a separação das relações com o Estado.

A autora Ferreira (2010) também menciona que nesse momento as estratégias da reação católica são postas na sociedade, onde tentam ocupar gradualmente um vasto espaço. Pode-se citar essa influência na imprensa com a revista *A Ordem*, em 1921, com o objetivo de compartilhar a doutrina cristã e o *Centro Dom Vital*, em 1922, sob a direção de Jackson Figueiredo, onde se tem a

formação do laicato por meio de tais iniciativas da igreja. lamamoto e Carvalho (2014) afirmam que:

A revista A Ordem, criada em 1921, e a partir desta o Centro Dom Vital, em 1922, que se transformará no principal aparato de mobilização do laicato, procuram recrutar uma "aristocracia intelectual" capaz de combater, no plano político e ideológico, as manifestações que naquele momento a Igreja considera como mais perigosas para seu domínio: o anticlericalismo, o positivismo e o laicismo das instituições republicanas. Deverá também servir de elemento de ligação entre a hierarquia e a opinião pública católica, no sentido de mobilizá-la enquanto movimento de opinião. (lamamoto e Carvalho, 2014, p. 153).

Ferreira (2010) também esclarece que, na década de 1930, as consequências da crise e a insatisfação dos trabalhadores devido às suas precárias condições e a extrema pobreza geradas pela crise capitalista de 1929 fazem com que o movimento católico busque conter essas reações por parte do operariado em relação aos patrões e buscar a predominância da religião até então perdida. lamamoto e Carvalho (2014), inclusive, aludem nessa perda de hegemonia.

A religião católica perde sua ampla hegemonia enquanto concepção de mundo das classes dominantes que se reflete, entre outras, no decréscimo de sua importância na filosofia, no movimento intelectual em geral, no controle dos movimentos sociais e na Sociedade Civil, vindo a evadir-se ou sendo expulsa de uma série de setores até então sob seu domínio quase absoluto. (lamamoto e Carvalho, 2014, p. 150).

Assim, segundo esses autores, em 1931, sob a liderança de Dom Sebastião Leme, são elaboradas medidas para promover uma aproximação com o Estado, visando legitimar a presença da Igreja com a celebração de Nossa Senhora Aparecida em 1930 e a inauguração do Cristo Redentor. Fausto (2006) e Ferreira (2010) apontam que após a Constituição de 1934 e a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas e o casamento de civis na igreja, por exemplo, houve um cenário de harmonia do catolicismo na sociedade brasileira, visto que impulsionou as suas intervenções na sociedade.

Além disso, Aguiar (2011) ressalta que, durante as três primeiras décadas do século XX, a Igreja começou a incorporar os conteúdos presentes nas encíclicas de Leão XIII e Pio XI. Como vimos anteriormente, essas encíclicas tinham como objetivo contrabalançar as ideias da modernidade que desafiavam o pensamento tradicional, criticando as propostas socialistas e comunistas, ao mesmo tempo que buscavam se aproximar dos leigos, especialmente dos trabalhadores, a fim de facilitar um relacionamento com o Estado após a separação entre Igreja e Estado.

É importante mencionar que o contexto histórico que deu origem às primeiras escolas de Serviço Social em todo o Brasil, conforme analisado por Silva (2016), envolveu a participação do proletariado urbano, provocando reações repressivas na tentativa estatal de controlar os trabalhadores através do corporativismo. Nesse sentido, Lima restaura outros aprofundamento históricos:

A Industrialização crescente, após 1920, e mais especificamente a partir de 1930, vai tornar possível a estruturação e a organização de Movimentos de Trabalhadores e, concomitantemente, o crescimento do Movimento Socialista e Comunista. Paralelamente, a Burguesia Industrial solidifica sua organização enquanto Classe nesse período, e torna suas idéias, baseadas nos princípios do Liberalismo do Mercado de Trabalho, vitoriosas, frente às idéias defendidas pela Aristocracia Rural Brasileira, até então o grupo dominante. Essa vitória se inicia na Constituição de 1891, que incorpora diretrizes próprias do Liberalismo -laicização do Estado, casamento civil obrigatório, laicização do Ensino Público, secularização dos cemitérios -, provocando reação da Igreja Católica no Brasil, acostumada a viver acoplada ao Estado. (Lima, 2005, p. 57).

Nessa perspectiva, lamamoto e Carvalho (2014) afirmam que as iniciativas caridosas administradas pela Igreja já existiam desde o período colonial. Essas ações voltadas aos mais necessitados eram promovidas pelas iniciativas católicas europeias que foram introduzidas no Brasil. Segundo os autores mencionados, as protoformas do Serviço Social, tal como é compreendido hoje no país, começaram a se consolidar após a Primeira Guerra Mundial.

lamamoto e Carvalho (2014) também afirmam que a Associação das Senhoras Católicas, estabelecida no Rio de Janeiro em 1920, e a Liga das Senhoras Católicas, criada em São Paulo em 1923, prepararam o caráter profissional antes mesmo do surgimento no país. É através do movimento de ação católica⁴⁴ que se fortalece a divulgação do pensamento social, bem como as bases doutrinárias do apostolado laico, refletindo nas atividades iniciais de assistência. Dito isto, cabe ressaltar que

A Sra. Estella de Faro, por exemplo, considerada como a grande pioneira do Serviço Social no Rio de Janeiro e figura preeminente da Ação Social na década de 1930, é, em 1922, na qualidade de elemento de confiança de dom Sebastião Leme a primeira coordenadora do ramo feminino da Confederação Católica. (lamamoto e Carvalho, 2014, p.177).

Assim, o movimento laico vai gradualmente se desenvolvendo sob os auspícios da Ação Social Católica, moldando o papel do apostolado social que se caracteriza pela disseminação da doutrina como uma missão entre as pessoas.

⁴⁴ Para Aguiar (2011), a ação católica está voltada para disseminar a doutrina da igreja com o objetivo de uma reforma social. Esta reforma visava o retorno do pensamento medieval.

Iamamoto e Carvalho (2014) ressaltam a relevância das instituições vinculadas à Juventude Católica, que se dedicam a compartilhar a perspectiva doutrinária com os trabalhadores. De acordo com os autores, "há também uma clareza quanto ao sentido novo dessa ação social: se tratará de intervir diretamente junto ao proletariado para afastá-lo de influências subversivas." (Iamamoto e Carvalho, 2014, p.180).

Sobre as influências suscitadas no proletariado, Monteiro (1992) observa que a instituição religiosa se deu conta que havia uma influência negativa que resultava das relações do trabalhador com o pensamento marxista, o qual segundo a perspectiva da igreja, aumentou a insatisfação dos trabalhadores em aceitar a sua realidade. Assim, a autora também argumenta que a mudança proposta por um modelo ideal de sociedade sob a perspectiva socialista também fez crescer a consciência proletária.

Ainda segundo Monteiro (1992), entre as décadas de 1920 e 1930, a Ação Católica teve uma rápida expansão na Itália e em diversos países da América Latina. Na Europa, essa expansão ocorreu entre 1923 e 1928, abrangendo não apenas a Itália, mas também a Polônia, a Iugoslávia, a Tchecoslováquia e a Áustria. Entretanto, a situação na França apresentou características distintas com as discussões das semanas sociais. Monteiro, portanto, complementa que:

A exemplo disso podemos mencionar a realização da Semana Católica Internacional, em 1931. que se constitui uma iniciativa da "Union Catholique d'Études Internationales", reunindo personalidades Católicas de todos os países que discutiram sobre problemas internacionais, na perspectiva de criar uma unidade de pensamento concreto entre os católicos de todo o mundo. Já em 1927, realização da Semana Social de Nancy dedicando-se à temática da "Mulher ampla na Sociedade"- traz contribuições favoráveis à participação da mulher na vida política, conclusões estas aprovadas pelo Cardeal Gaspari em nome do Papa Pio XI. (Monteiro, 1992, p. 56).

Iamamoto e Carvalho (2014) apontam que o surgimento do Serviço Social, em especial o brasileiro está intimamente vinculado à iniciativa da Igreja, em particular da sua parcela feminina, junto à família operária. Além disso, salienta a concepção missionária articulada aos movimentos de Ação Social Católica e Ação Católica. Dessa forma, o Serviço Social é influenciado segundo perspectiva religiosa católica, visto que alicerça a sua atividade profissional guiados pelos valores neotomistas, onde é inserido como intervenção na questão social.

Iamamoto e Carvalho (2014) salientam que é nesse cenário que surge o Serviço Social, principalmente inserido nas atividades de Ação Social,

especificamente com o surgimento de frações dos grupos ligados à elite. Alinhado, efetivamente, ao desdobramento do movimento apostolado leigo com a principal intervenção com os(as) trabalhadores(as) das fábricas. Esta iniciativa em prol da disseminação religiosa na sociedade começa antes da Escola de Serviço Social em São Paulo, visto que é fruto do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) sob a necessidade da Ação Católica e da Ação Social.

O CEAS promovia a educação familiar para as mulheres trabalhadoras das fábricas, cujo propósito foi o de despertar nelas o amor pelas atividades domésticas e pelos cuidados com a família a fim de cumprir o seu papel feminino tanto como cuidadora desse espaço quanto como o de trabalhadora. Assim, Iamamoto e Carvalho (2014) reforçam que o CEAS se manteve como elemento constitutivo da primeira escola de Serviço Social do Brasil, pois esforços desenvolvidos da aproximação com classe operária, resultaria em outros movimentos filiados ao pensamento da igreja e a doutrina social.

Então, o alicerce teórico central que fundamentava a relação das assistentes sociais com os/as trabalhadoras fabris teriam bases em cursos de filosofia, moral e doutrina social. Assim:

O ano de 1933 marca uma intensificação dessas atividades: participação na Liga Eleitoral Católica através de campanhas de alistamento de eleitores e proselitismo, realização da Primeira Semana de Ação Católica, início da formação de quadros da Juventude Feminina Católica constituída a partir dos Centros Operários e Círculos de Formação para Moças, delegação pela hierarquia da representação da Juventude Feminina Católica etc. Em 1936, a partir dos esforços desenvolvidos por esse grupo e o apoio da hierarquia, é fundada a Escola de Serviço Social de São Paulo, a primeira desse gênero a existir no Brasil. (Iamamoto e Carvalho, 2014, p. 184).

Essas ações, que ocorreram no início do CEAS, levaram ao surgimento da ESS/SP por meio das Semanas de Ação Católicas, que influenciaram diversas instituições na criação do curso de Serviço Social, incluindo as do Rio de Janeiro e a de Pernambuco. Segundo Ferreira (2010), em 1936, depois da realização do Curso Intensivo de Formação Social para Moças, foi fundado o Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), que deu origem à primeira Escola de Serviço Social no Brasil.

Iamamoto e Carvalho (2014) conectam essa dinâmica à primeira Semana de Ação Social no Rio de Janeiro, também em 1936. Nesse contexto, é possível observar que as ações intervencionistas do Estado e a participação da religião na sociedade atuam na estruturação do corpo social, sendo destacada a primeira dama

Darcy Vargas como uma figura importante para a Associação Lar Proletário⁴⁵ e o Instituto de Educação Familiar e Social. As discussões promovidas por essas organizações visam oferecer uma formação técnica na área de assistência social em formação.

Assim, ainda em 1936, a realização do primeiro curso intensivo a respeito do Serviço Social, com duração de três meses e com palestras programadas para discutir variadas temáticas de ordem social, educacional e sanitária mais consistentes na época, sobretudo, acerca da situação dos menores de idade⁴⁶.

No perfil das primeiras assistentes sociais, não só era suficiente a formação religiosa, mas como também a moral. Segundo Ferreira (2010) tal formação moral estaria na disciplina que defendia a formação em Serviço Social como advinda de uma iluminação, que entendia a questão social como decadência da moral e afastamento do indivíduo com o Deus cristão.

O contato com a doutrina cristã foram lançados os fundamentos do agir profissional, fortemente vinculados, nos dizeres de Iamamoto e Carvalho (2014), à perspectiva reformista e de cunho conservador, negligenciando qualquer medida científica em prol da doutrina católica.

Escolas de Serviço Social Brasileira	
1936	Escola de Serviço em São Paulo
1937	Instituto de Social no Rio de Janeiro
1937	Curso de Serviço Social na Escola Ana Neri (RJ)
1940	Instituto de Serviço Social (SP)
1940	Escola de Serviço Social em Pernambuco
1944	Escola de Serviço Social do Paraná
1945	Escola de Serviço Social de Porto Alegre

Quadro de elaboração do autor

⁴⁵ Iamamoto e Carvalho (2014) apontam que essa organização é a primeira obra que implanta o Serviço Social carioca.

⁴⁶ É importante dizer que tal discussão fundamentará a intervenção da primeira Escola de Serviço Social no Nordeste.

A formação do laicato é destacada como uma etapa fundamental para o desenvolvimento do Serviço Social em São Paulo e no Rio de Janeiro. Essa formação, promovida pela Confederação Católica, tinha como objetivo capacitar os leigos por meio da educação proporcionada pelos padres católicos, complementada pela atuação da Ação Católica.

O Serviço Social em São Paulo e no Rio de Janeiro, desde a sua origem, sofreu transformações significativas. De acordo com Yamamoto e Carvalho (2014), essa trajetória reflete uma evolução dos métodos de assistência e caridade, já que uma perspectiva científica começou a ser incorporada, influenciada pelas ciências sociais diante da crescente complexidade dos problemas sociais. Ademais, isso evidencia que a abordagem religiosa para analisar a sociedade, por exemplo, se revelou inadequada.

Neste contexto, há uma divisão para abordar brevemente duas vertentes: as de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ambas surgem a partir da ligação com a instituição cristã. A obra de Aguiar (2011) menciona importantes figuras como Jackson Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, D. Leme e Padre Leonel Franca, que desempenharam papéis centrais na introdução do Serviço Social nessas escolas. O autor também destaca a conexão entre a igreja e os assuntos políticos, ressaltando a atuação da Liga Eleitoral Católica (LEC), que respalda quaisquer partidos que se comprometessem com os direitos católicos.

Dessa forma, entende-se que tais medidas da aproximação católica com o Serviço Social no Brasil se deu a partir da Ação Católica e Ação Social no mundo desde o começo do século XX, influenciando os países diferentemente, mas voltado para uma tese: recristianizar a sociedade em virtude de ter o pensamento hegemônico presente no período medieval de volta.

Assim, as primeiras Escolas de Serviço Social no Brasil, segundo Aguiar (2011), se embasam em princípios religiosos profundamente enraizados em São Paulo e no Rio de Janeiro, influenciadas pela Escola de Serviço Social do Chile. Ademais, São Paulo e Rio de Janeiro são os estados, em primeiro momento, surpreendidos com tal contato da igreja católica em relação ao Serviço Social, visto que marcará outras instituições que forem surgindo.

Nos demais Estados apresentados na tabela, encontra-se a terceira Escola de Serviço Social, situada em Pernambuco. Ela é, cronologicamente, a terceira instituição brasileira, surgindo nos anos 1940 do século XX, e será a próxima a ser abordada conforme a sequência dos estudos sugeridos.

3. A ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL EM PERNAMBUCO

Neste capítulo, serão discutidas brevemente as questões históricas que antecederam o surgimento do Serviço Social em Pernambuco, visto que se tornou a terceira instituição desse tipo no Brasil - seguindo as fundações de São Paulo e Rio de Janeiro - e a relação com o catolicismo como base de intervenção profissional. Esse contexto indica a necessidade de uma mudança na maneira como a igreja, orientada pelas Doutrinas Sociais em São Paulo e Rio de Janeiro, e pelo trabalho de Dom Leme, se posiciona e intervém na capital pernambucana, especialmente no Recife.

Precisa-se dizer que a elaboração deste capítulo está alicerçada nas pesquisas elaboradas pelo projeto de extensão Memória e História do Serviço Social em Pernambuco, iniciado em 2019 sob a supervisão do Prof. Dr. Adilson Aquino Silveira Júnior⁴⁷, uma vez que proporcionaram fundamentos consistentes para a construção deste estudo.

Antes de adentrar-se nas discussões sobre a Escola de Serviço Social em Pernambuco, no ano de 1940, é importante destacar as diferenças notáveis entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, e também entre as diversas regiões do Brasil, com ênfase na disparidade entre o Sudeste e o Nordeste. As reflexões acerca das condições que foram impostas à região nordestina, a qual serve como uma fonte inesgotável de riqueza para os capitalistas, ao mesmo tempo em que coloca o(a) trabalhador(a) nordestino/a numa posição de mão de obra barata e precária.

Por isso, o surgimento da profissão não representa uma história solta das relações econômicas capitalistas e suas crises cíclicas, mas reforça o cenário do país dependente e de regiões submissas a outras em prol da concentração de riqueza, vinculado à mão de obra barata. Essa relação histórica e as produções oriundas do cenário sertanejo, estão inseridas nas protoformas do Serviço Social em Pernambuco.

As circunstâncias internas de cada país, incluindo fatores históricos, sociais e econômicos, impactam o desenvolvimento do curso de Serviço Social e da prática

⁴⁷ Professor do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Possui Mestrado em Serviço Social pela UFPE. Coordena o projeto Memória e História do Serviço Social em Pernambuco- MEHSSP.

profissional. Em Pernambuco, essa influência é evidente, conforme a pesquisa de Bernardes (2007), que indica que a região passou a ser compreendida como território apenas a partir do século XIX, já que antes disso não havia informações sobre o Nordeste. Ele enfatiza também que a percepção distorcida da região se reflete não apenas na cultura, mas também na economia e nas características geográficas, continuando a ser uma realidade nos dias de hoje.

As discussões levantadas por Mota et al (2021) salientam que a questão regional amplia a relação de desigualdade, visto que a sua gênese está intrínseca na formação social brasileira. Silva (2019) aponta que as três primeiras décadas do século XX foram um composto de experiências e modernizações, impactado pela expansão do capitalismo no mundo, conseqüentemente, afetando Pernambuco.

Junior (2020) aponta a relação histórica do desenvolvimento regional, principalmente do Sul e Sudeste, com a disparidade dos focos de concentração de riqueza, conseqüentemente, onde no imaginário popular a difusão da região pobre e atrasada perpetua para a construção errônea do Nordeste. Assim, comparado com o Centro-Sul, Pernambuco apresenta uma contradição, pois o avanço do capitalismo industrial, por sua vez, submete o Nordeste aos interesses do Sul.

Precisa-se dizer que, conforme a visão de Monteiro (1992), o Serviço Social no Nordeste emerge a partir da internacionalização do capitalismo, que cria relações desiguais, evidente na histórica conexão entre a Colônia e a Metrópole. A autora observa os reflexos dessa dinâmica ao comparar o Nordeste com Sudeste, onde surgem as primeiras instituições de ensino que oferecem o curso de Serviço Social.

Além disso, Monteiro chama a atenção para o fato de que, ao longo da história, os países periféricos, incluindo o Brasil, foram alocados em uma posição de dominação e submissão no processo de industrialização. Junior (2021) aponta que:

Abstraindo-se os demais pressupostos, e examinando apenas esse primeiro e mais elementar, se pode concluir que sua afirmação tardia na região Nordeste, por si só, teria como decorrência um descompasso entre a emergência do Serviço Social nesse espaço regional frente a outros, do mesmo país, em que a transformação capitalista das relações de produção ocorreu mais concentrada e rapidamente. O desenvolvimento desigual interno do capitalismo no Brasil nos fornece a chave para a explicação desse descompasso regional, funcional à emergência e desenvolvimento do capitalismo dependente, com inserção também desigual e combinada no imperialismo. (Junior, 2021, p.15).

Ao falar sobre a industrialização, Mara e Bezerra (2021), evidenciam a relevância da questão social no Brasil, especialmente no que se refere às interações

entre regiões, uma vez que essas questões têm raízes na difusão do trabalho livre. Além disso, os autores afirmam que a condição da classe trabalhadora se origina do período da escravidão, que já começava a se consolidar antes mesmo do seu final. Eles também enfatizam as experiências dos trabalhadores escravizados no século XIX.

Durante toda a segunda metade do século XIX, trabalhadores escravizados e livres conviveram naquilo que havia de mais avançado na produção de mercadorias na economia nacional (vide a construção de portos e ferrovias em estados como Rio de Janeiro e São Paulo ou a substituição dos engenhos centrais pelas modernas usinas de açúcar e álcool nas zonas canavieiras do Nordeste). (Mara e Bezerra, 2021, p.119).

Além disso, a problemática social na região nordestina está intimamente ligada aos mocambos. Nas suas análises, Junior (2021) reforça que o Nordeste funciona como verdadeiro ponto de reserva com baixo custo da força de trabalho, diferente do Sudeste que passa a ter a função de região-centro, onde caracteriza a sua hegemonia sobre as demais regiões no movimento tanto de concentração como de centralização do capital.

Diga-se, inviabilizaram a expansão da economia açucareira-têxtil, comprometendo as formas burguesas transitórias de produção e apropriação do valor aí germinando através do impulso de industrialização refletido das usinas e na manufatura têxtil (Júnior, 2020, p.71).

Depois de uma breve introdução sobre a região Nordeste, o propósito de explorar a emergência do Serviço Social em Pernambuco é evidenciar o papel do catolicismo. Este aspecto religioso é fundamental desde os primórdios da profissão, especialmente no que tange à influência das Escolas de Serviço Social de São Paulo e Rio de Janeiro. Pode-se questionar: qual foi a relação dessa religião com a protoforma da Escola de Serviço Social em Pernambuco?

Para Silva (2019) esse cenário de influência religiosa não apenas contribuiu para a fundação do curso, mas também esteve presente tanto no perfil quanto nas atividades profissionais destinadas exclusivamente às mulheres, que incluíam, além de tudo, as responsabilidades domésticas.

Além disso, Iamamoto e Carvalho (2014), por um lado, argumentam que o contexto histórico e a presença dos ideais católicos sustentam as bases do Serviço Social vinculado à doutrina católica. Júnior (2020), por outro lado, menciona que o contexto em que surgiram as primeiras Escolas do Serviço Social no Brasil (sob a perspectiva da doutrina social e vinculados aos centros católicos) foi crucial para a criação da Escola de Serviço Social em Pernambuco.

Assim, conforme os estudos de Júnior (2020), o Serviço Social surgiu a partir das demandas do Estado, especificamente em decorrência das questões operárias provocadas pelas consequências da industrialização e urbanização na década de 1930. Nesse período, Silva (2019) destaca a atuação da Liga das Senhoras Católicas e da Associação das Senhoras, que se dedicavam a preparar mulheres para sua inserção na sociedade.

Silva (2019) afirma que o Serviço Social em Pernambuco nasce no período do Estado-Novo (1937-1945), a figura do Agamenon Magalhães, teve por objetivo conciliar as ações de demanda estatal com a igreja, visando a mudança social. Assim, Agamenon Magalhães ao encontrar medidas interventivas junto ao Grupo de Ação Social, deu bases sólidas para o Serviço Social em Pernambuco.

Conforme a análise realizada por Vieira (1992), observou-se que o papel educacional no Nordeste também foi influenciado pelas ações tomadas nas Encíclicas Papais, em especial na *Divini Illius Magistri*,⁴⁸ visto que fortalecia a educação em três esferas: a igreja, a família e o Estado. Dentro desse cenário, as mulheres também desempenhavam um papel crucial, participando ativamente de iniciativas fundamentadas na perspectiva religiosa, sendo vista como o núcleo nas famílias e contribuindo nas políticas do Estado.

Silva (2019) destaca essa influência na ESS/PE ao examinar as duas primeiras Escolas de Serviço Social no Brasil, principalmente, em relação às primeiras estudantes do curso.

A ESS/PE se constituía em um curso de formação para ambos os sexos, contudo suas turmas eram compostas majoritariamente por mulheres, como aconteciam nas primeiras instituições de ensino do eixo Rio – São Paulo, que foram escolas exclusivamente femininas. As primeiras classes foram constituídas de alunas com instrução de nível médio, algumas delas filiadas à Ação Católica. Em sua maioria, já tinham formação em escolas normais, atuantes no magistério e desempenhavam trabalhos sociais junto às classes operárias e suas famílias. (Silva, 2019, p.101).

No ano de 1939, informa Silva (2019), inúmeros estudiosos participaram de uma reunião que discutia a situação do Estado de Pernambuco. Entre eles, pode-se mencionar Rodolfo Aureliano, Luiz Delgado, Padre Távora, René Ribeiro, Anita Paes Barreto e Souza Barros, trouxeram contribuições sobre a família, habitação e

⁴⁸ Esta encíclica destaca a relevância da educação cristã por meio de abordagens pedagógicas, com o objetivo de beneficiar não apenas os jovens, mas também a família, orientando em direção ao Criador.

a classe trabalhadora. A área social, portanto, foi valorizada na capital pernambucana por meio da III Semana de Ação Social.

De acordo com Silva (2019), a III Semana de Ação Social, realizada em 1939, teve um papel fundamental na criação do curso de Serviço Social, destacando figuras proeminentes da época, como Rodolfo Aureliano⁴⁹ e Luiz Delgado. Silva ressalta que essa semana foi essencial para as políticas sociais e, conseqüentemente, para a afirmação do curso em Pernambuco.

Segue-se a imagem que notifica o início da III Semana de Ação Social com a participação do Rodolfo Aureliano. Além disso, pode-se observar que as informações contidas fazem alusão a necessidade da intervenção da igreja católica com os/as trabalhadores/as fabris, tal medida interventiva é guiada pelos ensinamentos da Rerum Novarum.

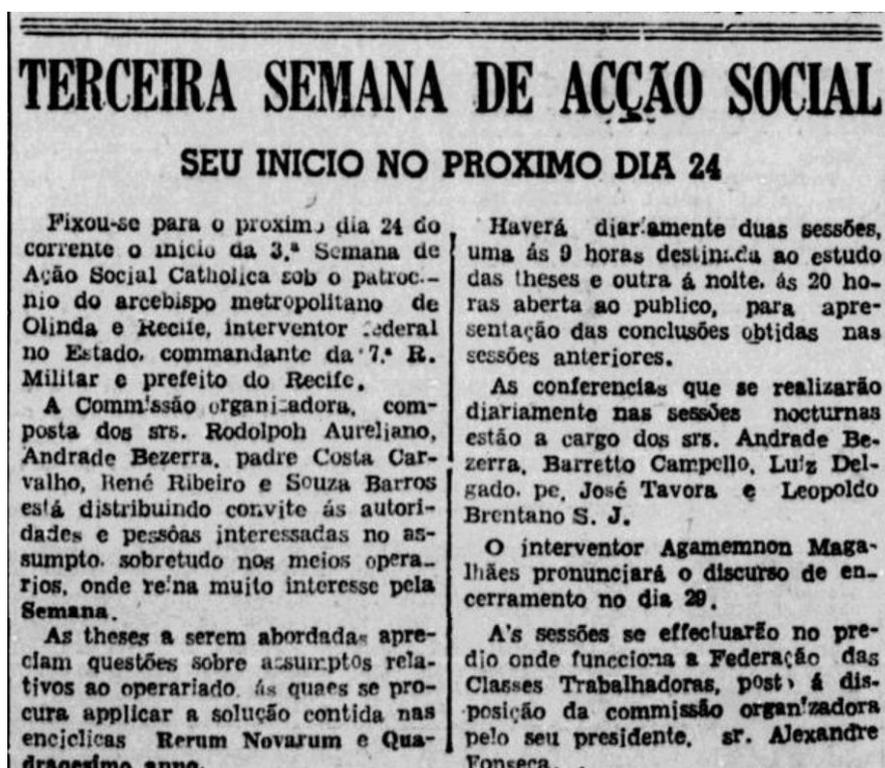


Imagem 1: Terceira Semana de Ação Social

Fonte: Diário de Pernambuco, 18 de janeiro de 1939, p. 16.

Moraes et al (1990) reforçam essas considerações, acrescentando que o interesse do juiz Rodolfo Aureliano começou a partir de correspondências com a

⁴⁹ Silva (2019) informa que Aureliano nasceu no Recife no ano de 1903, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Em 1934, foi nomeado o primeiro Juiz dos menores em Pernambuco.

Universidade do Chile, onde foi inaugurado o primeiro curso de Serviço Social na América Latina, em 1925.

O contato e o interesse do juiz pelo Serviço Social foram anteriores ao evento da Terceira Semana de Ação Social no Recife. Conforme uma entrevista dada ao Jornal do Commercio na data de 18 de maio de 1940, o Dr. Rodolfo alegou que teve conhecimento da profissão e de suas atividades por volta de 1935, ano do recebimento de uma correspondência da direção de uma escola de Serviço Social do Chile, primeiro país da América Latina a constituir centros de formação para assistentes sociais (Silva, 2019, p.88).

O surgimento profissional na capital pernambucana traz também a necessidade da construção do perfil profissional, voltado tanto para a formação moral quanto técnica, os teóricos que fundamentaram tal perspectiva, isto é, o René Ribeiro Souza Barros e Luiz Delgado, além de fundadores, foram os primeiros discentes da Escola de Serviço Social em Pernambuco, juntamente com Rodolfo Aureliano, assinala Silva (2019).

Assim, Moraes et al (1990) destaca que Rodolfo Aureliano teve conhecimento do curso de Serviço Social e sua atividade interventiva em 1935, ano que recebeu uma correspondência da Escola de Serviço Social no Chile, mas o interesse aumenta quando Luiz Delgado apresentou uma Revista Católica que continha informações da profissão no Congo Belga, o que caracterizou uma influência franco-belga na ESS/PE. De início, a precisão da Escola de Serviço Social em Pernambuco esteve conectada a resolver problemas sociais da época, principalmente com as pessoas vistas como “desajustadas socialmente”.

Silva (2019) esclarece nos seus estudos que esse entendimento de pessoas desajustadas estava relacionado a influência funcionalista advinda das abordagens das ciências sociais (voltados para os pensadores da sociologia clássica como o francês Émile Durkheim), que fundamentava que qualquer pessoa não compondo a sua parte socialmente, segundo tal teoria, era desajustado, pois todos(as) exercem uma função individual que resulta no bom funcionamento da sociedade, assim necessário ter um “ajuste”. Por isso que:

O Serviço Social visa por consequência soluções completas e estáveis, valorização do indivíduo e sua reabilitação integral. Nunca soluções provisórias ou paliativas, muito próximas da esmola que degrada. Ora para a execução de tarefas tão múltiplas quanto complexas, se exige conhecimentos de diversos ramos do saber humano. Visando preparar com eficiência os seus auxiliares, o Juizado de Menores iniciou um curso de Serviço Social, comportando as seguintes disciplinas:

- 1) Noções gerais de sociologia – noções preliminares, sociologia doméstica, sociologia política. [...]
- 4) A vida econômica e suas perturbações – Economia Política, Economia

Social (trabalho, habitação, alimentação, previdência e cooperação).

5) A vida física e suas perturbações – higiene, doença e Serviço Social, flagelos sociais e regulamentação sanitária.

6) A vida mental e moral e suas perturbações – psicologia, pedagogia, psiquiatria.

7) O Serviço Social e seu funcionamento – histórico e concepção atual do Serviço Social, legislação e regulamentação da assistência, métodos gerais, moral profissional e pedagogia social.

8) Métodos práticos de trabalho da assistência social e organização administrativa dos serviços sociais.

Crê o Juizado que esse programa de estudos satisfaz plenamente o objetivo do curso ora inaugurado e que servirá de preparação à entrada na Escola de Serviço Social que desenvolverá as disciplinas acima enumeradas e preparará assistentes sociais capazes e cômicos de seus deveres e responsabilidades.

(CURSO..., 1939, p. 01 *apud* Silva, 2019, p.89).

É importante dizer que a abordagem higienista que o Serviço Social em Pernambuco se aproximava no início da sua institucionalização, estava em pauta anos antes da sua fundação. Exemplifica-se isso com as informações mencionadas no Diário de Pernambuco, em 1937, visto que apresenta o projeto da organização da ESS/PE tal como a elaboração de medidas interventivas a fim de sanar os problemas sociais dos considerados incompatíveis em viver em sociedade.

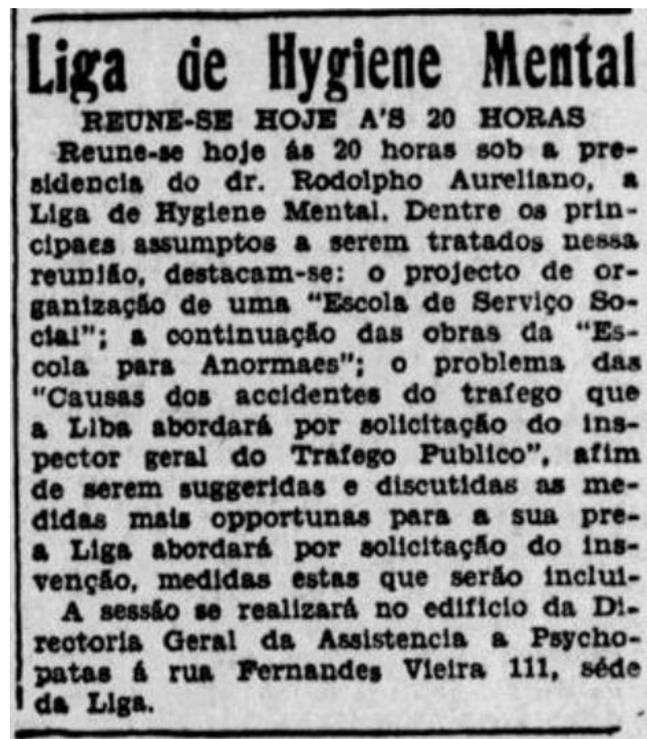


Imagem 2: Liga de Higiene Mental

Fonte: Diário de Pernambuco, 02 de junho de 1937, p. 6.

Nesse quadro geral, vê-se as informações éticas e morais que as assistentes sociais eram destinadas, partindo da fundamentação católica. No entanto, essa

relação de religião e o Serviço Social em Pernambuco, toma forma e conhecimento a partir do Juizado de Menores. Além disso, percebe-se a influência norte-americana de Mary Richmond, uma vez que o reflexo da sua contribuição não ficou apenas presente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, mas também em Pernambuco.

Moraes et al. (1990) também destacam a ESS/PE como uma entidade de natureza feminina, ligada à igreja e focada na questão dos menores. Elas mencionam que Rodolfo Aureliano, o primeiro jurista de Recife, reconheceu a realidade das crianças e jovens, responsabilidade que na época era atribuída ao Serviço Social.

A situação dos menores, como descrito na notícia a seguir, aponta que o internamento dos jovens no Juizado de Menores acontecia por meio de uma relação conjunta da orientação dada pela família, os estudos realizados sobre a situação social e econômica do(a) jovem, além de questionamentos a respeito do comportamento moral. Essas medidas sinalizam para a preocupação do Juizado de Menores para a execução à luz da doutrina social.



Imagem 3: Assistência Familiar aos Menores Abandonados

Fonte: Diário de Pernambuco, 30 de agosto de 1938, p. 2.

O curso, segundo Moraes et al (1990), tinha uma duração de três anos, sendo que os dois primeiros eram dedicados ao estudo teórico e prático, enquanto o último ano era destinado à realização de um estágio, que poderia ocorrer em instituições tanto públicas quanto privadas. Assim, foi formalizada a criação do curso de Serviço Social, que conferiu relevância às questões juvenis — refletindo as preocupações sociais que também mobilizam as primeiras assistentes sociais diante da demanda predominante do "juizado de menores", conforme enfatizado por Rodolfo Aureliano.

De acordo com Moraes (1990), a formação das assistentes sociais da ESS/PE tinha uma duração de três anos, com os dois primeiros focados no aprimoramento teórico e na realização de atividades práticas. O último ano, em contrapartida, era dedicado ao estágio supervisionado. As alunas, em sua maioria

católicas, frequentemente eram indicadas por grupos sociais católicos e, por isso, acabavam aderindo aos princípios da moral cristã. Moraes et al. (1990) ainda destacam que Aureliano sugeria que a ESS/PE continuasse alinhada aos princípios da doutrina social católica.

Moraes et al. (1990) apontam que a ESS/PE tinha como meta institucional preparar um número significativo de profissionais para a área de Serviço Social através de um centro voltado à formação, informação e documentação social. Contudo, a questão que se destacou mais para Aureliano foi a realidade das crianças em situação de vulnerabilidade. Iamamoto e Carvalho (2014) sublinham que, na época do surgimento do Serviço Social no Rio de Janeiro, também havia uma preocupação com a situação dos menores. Por isso, o curso em Pernambuco era direcionado ao Juizado de Menores.

O curso, segundo Silva (2019), recentemente instituído enfrentou várias dificuldades na ESS/PE, incluindo a escassez de recursos e a quantidade reduzida de alunos. Esses desafios eram recorrentes. Em meados de 1945, a Primeira-Dama Darcy Vargas, que presidia a Liga Brasileira de Assistência (LBA), ao conversar com o Padre Távora, ajudou a ESS/PE ao oferecer um espaço fixo na Rua Conde da Boa Vista, nº 1512.



Imagem 4: Frente da Escola de Serviço Social em Pernambuco

Fonte: Maria Angélica, p.96. 2019.

Por assim dizer, durante a década de 1940, à medida que se encaminha para seu fim, o Brasil começou a ter uma participação indireta na 2ª Guerra Mundial, fazendo de Pernambuco um local de importância geográfica estratégica. Nesse contexto, a Liga Brasileira de Assistência (LBA) foi estabelecida na capital pernambucana, oferecendo apoio aos estudantes do curso de Serviço Social e colocando em prática os aspectos técnicos da formação, ou seja, sua abordagem.

Assim, segundo Moraes et al. (1990), até o final da década de 1930, existiam apenas duas Escolas de Serviço Social, localizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, ambas influenciadas por modelos europeus e ligadas à visão da Igreja Católica. Embora a orientação belga e a francesa tenham impactado as primeiras Escolas de Serviço Social no Brasil, a Escola de Serviço Social de Pernambuco, por outro lado, recebeu uma influência franco-belga singular.

Em conclusão, pode-se afirmar, com Moraes et al (1990) que até o fim da década de 1930 existiam apenas duas ESS, a de São Paulo e Rio de Janeiro, ambas de influência europeia e inserida na lógica da abordagem da igreja católica. A orientação belga e a francesa influenciaram as primeiras Escolas de Serviço Social no Brasil, mas nenhuma delas influenciou diretamente a ESS/PE, que, por assim dizer, recebeu uma a influência direta Franco-belga, tendo em vista o fato de que esta visão religiosa, como dito em todo o trabalho, fortalece as medidas de controle social com a presença da igreja católica.

Para apontar alguma influência das duas primeiras Escolas de Serviço Social no Brasil, pode-se dizer que as orientações da igreja católica previstas nas ESS/SP e na ESS/RJ, foram presente na Escola de Serviço Social em Pernambuco por causa das manifestações em relação da luta de classe, visto que desagradava a igreja e conseqüentemente ao Deus cristão. Esse descontentamento pode ser percebido na notícia a seguir.



Imagem 5: Reunião da Semana de Ação Católica no Rio de Janeiro para as Igrejas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco, 15 de junho de 1946, p. 2 e p. 10.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesse estudo, foi realizada uma análise teórica e crítica que explora os principais aspectos e compreensões sobre o Serviço Social e a Igreja Católica. Essa análise foca, em particular, na influência do catolicismo no surgimento das Escolas de Serviço no mundo, incluindo o Brasil, e seus significativos impactos na formação do Serviço Social em Pernambuco.

Da mesma forma, os capítulos discutidos procuraram elucidar a relação entre a visão cristã e as práticas assistencialistas que remontam ao século I da Era Comum. Essas práticas adquiriram, como visto, um novo significado ao serem integradas nos setores cristãos, especialmente durante a predominância do cristianismo na Idade Média. Dentre os autores que sustentam essa linha de raciocínio um dos mais relevantes é Ezequiel Ander-Egg que se destaca ao enfatizar a relação entre o surgimento de atividades em comunidades cristãs e o Serviço Social.

Adicionalmente, é importante ressaltar, nesta análise da igreja e das práticas profissionais, a influência da filosofia tomista. Essa corrente, que teve seu ápice na metade do século XIII e no final do período medieval, integrou a visão de filósofos gregos como Aristóteles, visto ser uma figura confiável dentro do cristianismo, mesmo sem que ele tivesse conhecimento da existência dessa religião. As obras de Aristóteles exerceram uma forte influência sobre Tomás de Aquino, o precursor da linha de pensamento (neo)tomista. Aquino, por sua vez, também deixou contribuições que ultrapassaram seu tempo, sendo suas ideias retomadas séculos depois, especialmente nos séculos XVIII e XIX, que impactaram a abordagem católica em aproximações com os setores industriais.

Nesse contexto, emergiu a necessidade do neotomismo como a única maneira de abordar a questão social. Assim, o conhecimento e a prática profissional, ligados a essa filosofia, formam, por um lado, os primeiros passos a serem dados do Serviço Social que se baseia nessa essência caridosa, religiosa e filantrópica. Mas as mudanças sociais, principalmente, decorrentes do cenário pós-revolução industrial, por outro lado, colocam um novo estágio de desenvolvimento da sociedade a nível mundial com a presença do capitalismo, principalmente nas organizações de tomada de consciência e resistência da classe operária.

Por isso, as intervenções baseadas nas protoformas do Serviço Social, sob a ótica do catolicismo e propagadas pela doutrina social da Igreja, que inclui as encíclicas papais, uma vez que desempenham um papel fundamental na formação do Serviço Social tanto no Brasil quanto no mundo com o intuito de controlar as questões morais e recristianizar os indivíduos, servindo como respostas para a questão social.

Com o tempo, a profissão vem sendo interpretada e influenciada pela análise dos Estados Unidos, em resposta à necessidade de intervenção estatal diante dos problemas sociais gerados pelas expressões da questão social. Personalidades como Mary Richmond e Jane Adams se destacam por suas contribuições, especialmente em relação à abordagem do Serviço Social de caso, grupo e comunidade, onde se desconectam da prática caridosa.

A fim de estabelecer uma base sólida para a crítica social, evitando qualquer abordagem superficial por causa das pseudociências, o pensamento de Marx e a influência dos intelectuais que o seguem, conhecidos como marxistas, desempenharam um papel fundamental. Eles promoveram uma ideia de que não é apenas o pensamento crítico que molda a realidade, mas analisar a lógica econômica -especialmente do modo de produção capitalista-, a relação histórica e o histórico de submissão do proletariado, prioriza a busca pelo lucro em detrimento do bem-estar dos trabalhadores e trabalhadoras.

Essas análises foram bases para as discussões e aperfeiçoadas ao longo do tempo. Pode-se dizer que mesmo com a ascensão do pensamento marxista no século XX, poucos setores como dos trabalhadores, fortemente influenciado pelas ideias revolucionárias advindas dos estrangeiros, ainda não era o suficiente para o Serviço Social brasileiro e pernambucano aderir ao posicionamento da teoria crítica, pelo menos naquele momento, pois sendo a região dependente dos Estado de São Paulo e Rio de Janeiro, e com o histórico da presença católica, o estado pernambucano resistiu temporariamente a essas mudanças.

Em conclusão, esta pesquisa contribui para o campo acadêmico ao apresentar aos(as) estudantes de Serviço Social os principais aspectos que influenciam a compreensão da ESS/PE sob perspectivas filosóficas e religiosas. Entretanto, é importante reconhecer as limitações deste trabalho, uma vez que não foi possível realizar um estudo mais aprofundado sobre as instituições primárias da América Latina, em especial no Brasil, devido à escassez de tempo dedicado. Essa

pesquisa, portanto, abre caminho para investigações futuras que possam se aprofundar na pós-graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Angela Rodrigues Alves de. **O Metodologismo e o Desenvolvimentismo no Serviço Social Brasileiro – 1947 A 1961**. São Paulo: Serviço Social & Realidade, p. 268-299, 2008. v. 17.

ANDRIETTA, Dom José Reginaldo; JALES, Bispo Diocesano. **Doutrina Social da Igreja**: história de conceitos fundamentais. Campinas: Cadernos de Fé e Cultura, p. 107-116, 2017. v.2.

AGUIAR, Antônio Geraldo De. **Serviço Social e Filosofia das origens a Araxá**. 6. ed. São Paulo: Cortez, p. 27-90, 2011.

ARAÚJO, Luiz Carlos. **Os Leigos na Igreja do Nordeste**. Revista Eclesiástica Brasileira. v. 48, n. 189, p. 154-163, 1988. Disponível em: [Os leigos na Igreja do nordeste do Brasil | Revista Eclesiástica Brasileira \(itf.edu.br\)](https://www.itf.edu.br/revista-eleigos-na-igreja-do-nordeste-do-brasil/) Acesso em: 31/08/2024.

BRAVO, Maria Jimena Quintero. **A HISTÓRIA DO SERVIÇO SOCIAL URUGUAIO: NEXOS ENTRE PROFISSÃO, ESTADO E CAPITAL**. 44. ed. Brasília: Temporalis, p.114-130, 2021.

BRASIL, Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm

BUENO, Eduardo. O Brasil dos Jesuítas. In: “**Brasil Uma História**: cinco séculos em construção”. 2. ed. São Paulo: LeYa Brasil, 2019. cap 5. p. 50.

BERNARDES, Denis Mendonça. **Notas sobre a Formação Social do Nordeste**. São Paulo: Lua Nova, p. 41-79, 2007.

Carta Encíclica Aeterni Patris. **Sobre a Restauração da Filosofia Cristã**. Vatican: La Santa Sede, 1879.

CASTRO, Manuel Manrique. **História do Serviço Social na América Latina**. 5. ed. São Paulo: Cortez, p. 44-130, 2000.

CARLOS, Sergio Antonio. **A gênese e a estrutura do Serviço Social brasileiro no período doutrinário católico**. Tese (Doutorado em Serviço Social)- Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

DAY, Phyllis . **A New History of Social Welfare**. 6. ed. Boston: Pearson Education, p. 225-239, 2009.

EGG, Ezequiel Ander. **Introdução ao Trabalho Social**. Petrópolis: Editora Vozes, p. 57-75, 1995.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 329-389, 2006.

FELDMAN, Sergio Alberto. **História medieval**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, p. 49-66, 2015.

FERREIRA, Camila Manduca. **O negro na gênese do Serviço Social (Brasil, 1936-1947)**. Rio de Janeiro: UFRJ/ESS; CNPq, 2010. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). p. 16-58.

FILHO, Cyro De Barros Rezende. **Os Pobres na Idade Média: De Minoria Funcional a Excluídos do Paraíso**. 1. ed. São Paulo: Revista de Ciências Humanas- Universidade de Taubaté, p. 1-9, 2009. v. 1.

GUEDES, Olegna De Souza. **A Compreensão da Pessoa Humana na Gênese do Serviço Social no Brasil: Uma Influência Neotomista**. São Paulo: UEL, p. 1-12, 2000.

GUERRAS, Maria Sonsoles. **O Imperador Teodósio e a cristianização do Império**. Clássica- Revista Brasileira de Estudos Clássicos, p. 155-160, 1992. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/826> Acesso: 05/02/2025

GOIN, Mariléia. **Fundamento do Serviço Social na América Latina e no Caribe: Os diferentes Caminhos do Brasil, do Chile e de Cuba**. Orientadora: Prof Dr^a Jane Cruz Prates. Tese (Doutorado)- Escola de Humanidades, Pós-graduação em Serviço Social, PUCRS, Porto Alegre, p. 74-91, 2016.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul De. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**. 41. ed. São Paulo: Cortez, p. 175-226, 2014.

IAMAMOTO; Marilda Vilela; YAZBEK, Maria Carmelita; NETTO, José Paulo; PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira; FERREIRA, Ivanete Boschetti. Revista **Temporalis**. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social Ano 2. 3. ed. Brasília: ABEPSS, Graflina, p. 9-51 , 2001.

JÚNIOR, Adilson Aquino Silveira. **A reconstrução histórica do Serviço Social no Nordeste**. Curitiba: Editora CRV, p. 81-161, 2021.

JÚNIOR, Adilson Aquino Silveira; ALMEIDA, Lenita Maria Maciel de; SILVA, Mariana Macena da. **Economia, Estado, política social, Serviço Social no Brasil e na particularidade de Pernambuco nos anos 1950**. Pernambuco: Projeto MEHSSPE, p. 3-30, 2019.

JÚNIOR, Adilson Aquino Silveira. **Memória do Serviço Social em Pernambuco: inventário do acervo**. Recife: MEHSSPE, 2019.

KIITHI, Mauro Arima Junior. **Colonialismo e genocídio no Congo Belga**. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 24, n. 5776, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/72711>. Acesso em: 10 out. 2024.

GOFF, Jacques Le. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, p. 19-21, 1979.

LIMA, Rita de Lourdes de. **Os Assistentes Sociais e a Questão da Subalternidade Profissional**: reflexões acerca das representações sociais do “ser mulher” e do Serviço Social. Tese (Doutorado em Serviço Social)- Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. 39-55 p.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, p. 133-193, 2003.

MARX, Karl. **O Capital**. Barueri: Camelot Editora, p. 17-44, 2023.

MARTIN, Gabriela. História da Pré-história do Nordeste. In: “**Pré-História do Nordeste no Brasil**”. 5. ed. Recife: UFPE, 2013 (Capítulo I, p. 29-33).

MARA, Eduardo; BEZERRA, Lucas. **A busca como medida**: A questão social na formação social brasileira. Brasília: Temporalis, p. 110-125, 2021.

MINAYO, Maria Cecília De Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu Gomes. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes, p. 20-26, 2009.

MORAES, Maria de Lourdes Almeida; LYRA, Maria Hermina; ALMEIDA, Maria Glória de Andrade Lima, PEREIRA, Hebe Martins Gonçalves; MENDONÇA, Evany Gomes de Matos; MELO, Maria Lúcia Macêdo de Melo; VIEIRA, Ana Cristina. **A Trajetória do Ensino de Serviço Social em Pernambuco**, p. 12-33, 1990, Recife.

MONTAÑO, Carlos. **A Natureza do Serviço Social**: Um ensaio sobre sua gênese, a “especificidade” e sua reprodução. São Paulo: Cortez Editora, p. 17-69, 2007.

MUSTAFÁ, Maria Alexandra Monteiro. **Ética**: fundamentos filosóficos e históricos na contramão da ideologia.. Recife: Editora UFPE, p. 25-51, 2020.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 19-69 p.

NETTO, José Paulo . **O que é o marxismo**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 21-35, 1994.

OLIVEIRA, Valéria Rodrigues. **Solidariedade e Ação Social da Igreja Católica no Enfrentamento da Questão Social**: Um estudo a partir da referência de encíclicas papais. Maranhão: Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, p. 2-15 2005.

OLIVA, Andreia Antonia. **Trabalho Social na Argentina**: Traços históricos. Orientadora: Prof^a Dr^a Dilsea Adeodata Bonetti. Tese (Doutorado)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 78-98, 2005.

PADILHA, Helena Maria Barros. **História da Escola de Serviço Social de Pernambuco: Uma Análise do Projeto Ideopolítico em Articulação com a Realidade Pernambucana e Brasileira dos anos 30 a 70 do século XX.** Orientador(a): Edelweiss Falcão de Oliveira. Tese (Doutorado)- Curso de Serviço Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: [História da Escola de Serviço Social de Pernambuco : uma análise do projeto ideopolítico em articulação com a realidade pernambucana e brasileira dos anos 30 a 70 do século XX](#) Acesso em: 31/08/2024

PERANI, Cláudio. **A Igreja no Nordeste: Breves Notas Históricas-Críticas.** Caderno do Ceas: Revista Crítica da Humanidade, p. 53-65, 2009.

MOTA, Ana Elizabete; VIEIRA, Ana Cristiane; AMARAL, Angela (org.) **Serviço Social no Nordeste: das origens à renovação.** São Paulo: Cortez Editora, p. 31-86, 2021.

REZENDE, Antônio Paulo; DIDIER, Maria Thereza. **Rumos da história: nossos tempos: Brasil e o mundo contemporâneo.** São Paulo: Atual, p. 227-240, 1996.

STRATHERN, Paul. **Santo Agostinho: em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Zaha, p. 6-30, 1999.

STRATHERN, Paul. **São Tomás de Aquino: em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Zaha, p. 6-30, 1999.

SCHIPANSKI, Carlos Eduardo; PONTAROLO, Luizangela Padilha. **HISTÓRIA MEDIEVAL: RELEITURA DE UMA ÉPOCA.** Guarapuava: Ed. da Unicentro, p. 13-73, 2009.

SAES, Décio. **A formação do Estado Burguês no Brasil: 1888-1891.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 181-193, 1985.

SANTOS, Josiane Soares. **"Questão social": particularidades no Brasil.** São Paulo: Cortez, p. 25-82, 2012.

SANTOS, Ivanildo. **As origens do neotomismo.** Aquinate, 2017. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2018/01/D-Ivanildo-As-origens-do-neotomismo>. Acesso em: 07 fev. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, p. 106-107, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. 2.ed. São Paulo: Cortez, p. 25-66, 2007.

SILVA, Maria Angélica Pedrosa de Lima. **A Centralidade da Família na Formação em Serviço Social na década de 1940 em Pernambuco**. 2019. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Curso de Serviço Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: [RI UFPE: A centralidade da família na formação em Serviço Social na década de 1940 em Pernambuco](#) Acesso em: 31/08/2024

SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro Da . **Positivismo X Neotomismo: Reflexões sobre práticas historiográficas no Brasil e na Argentina (1870-1940)**. Fortaleza: ANPUH, p. 2-9, 2009.

SILVA, Vicente Eduardo Sousa E. **DA PATRÍSTICA À ESCOLÁSTICA**. Fortaleza: THEMIS - Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará, p. 201-211, 1988.

SIQUEIRA, Sandra M.m; PEREIRA, Francisco. **O Materialismo Histórico**. Salvador: Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas, 2019. 10-61 p.

SIGAUD, D. Geraldo De Proença. **Catecismo Anticomunista**. São Paulo: Editora Vera Cruz, p. 1-20, 1968.

SILVA, Maria Liduína De Oliveira e. **Para uma história nova do Serviço Social no Brasil: História de resistências e de ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, p. 44-88, 2016.

SOARES, Edvaldo. **Pensamento católico brasileiro: influências e tendências**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 63-90, 2014.

SOUZA, Cristiano Aparecido de. **Serviço Social e religião: o debate da questão religiosa na atuação profissional**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, p. 13-20, 2022.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Uma Introdução à História do Pensamento Econômico**. Relatório de Pesquisa NEP PUCRS. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=5603612a1343b8710c39addee41443467944004e991d021e9c9297e0f23973bbJmltdHM9MTczNzq0OTYwMA&ptn=3&ver=2&hsh=4&fclid=1405f8f0-d193-6f6d-1b00-ebe0d0226e46&psq=Um+introdu%c3%a7%c3%a3o+ao+pensamento+econonico+Nali+de+Jesus&u=a1aHR0cHM6Ly9wYWdpbmFwZXNzb2FsLnV0ZnByLmVkdS5ici9jcmldzGlhbmVnZWJyYW4vZ2VzdGFvLWZpbmFuY2VpcmEvSW50cm9kdWNhb19laXN0JTlwUGVuc2FtJTlwRWNVbi5wZGYvYXRfZG93bmxvYWQvZmlsZQ&ntb=1> Acesso em: 16/12/2024

SOUZA, André Ricardo De. **As Mudanças na Intervenção Social do Catolicismo Brasileiro**. 1. ed. Recife: UFPE, p. 131-160, 2007.

SOUZA, Luiz Gomes de. **A Igreja Católica e a Questão Social**. São Paulo: Revista São Paulo em Perspectiva, p. 76-80, 1997.

SOUZA, Bertone de Oliveira. **Secularização**: uma discussão acerca de suas características e manifestações no mundo contemporâneo. Revista Espaço Acadêmico. n. 132, p. 140-149, 2012. Disponível em: <https://doaj.org/article/3fef66cd33f44152ab6f5d5918c4ae62> Acesso em: 10/01/ 2025

VILLAÇA, Antonio Carlos. **Pensamento Católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 69-81, 2006.

VIEIRA, Ana Cristina De Souza. **O Ensino de Serviço Social no Nordeste- entre a igreja e o Estado**. Tese (Doutorado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, p. 49-61, 1992.

XAVIER, Érico Tadeu. **Catolicismo**: Missão e Influência no Brasil e no Continente Latino-Americano. Paraná: Monumenta- Revista Científica Multidisciplinar, p. 56-66, 2022.

YAZBEK, Maria Carmelita; IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social na História**: América Latina, África e Europa. São Paulo: Cortez, p. 34-217, 2019.